

# O Santo Soldado

## Antologia



Colecção *Tellus*  
Câmara Municipal de Vila Real

2.<sup>a</sup> Edição







Câmara Municipal  
Presidente  
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos  
Vereadora da Cultura  
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense  
Responsável  
António Manuel Pires Cabral



União das Freguesias de Vila Real  
(Nossa Senhora da Conceição, São Pedro e São Dinis)  
Presidente  
Francisco José Ferreira da Rocha

**Título:** *O Santo Soldado – Antologia*

Seleção de textos, organização e posfácio de Elísio Amaral Neves

2.<sup>a</sup> Edição, revista e aumentada [1.<sup>a</sup> Edição, Maio de 2014]

Na capa: Imagem publicada numa embalagem de cevada — *Cevada Santo Soldado*, comercializada por Nogueira & Pereira, L.da, Rua das Flores, 18-24, Porto, na década de 1930, 1940 ou 1950 — da colecção de Frederico Amaral Neves

Colecção *Tellus*, n.º 28

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real** em parceria com a **União das Freguesias de Vila Real (Nossa Senhora da Conceição, São Pedro e São Dinis)**  
gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt • geral@ufvilareal.pt

Vila Real, Novembro de 2014

Tiragem: 500 exemplares

Manteve-se a ortografia original dos textos, salvo em casos de lapso ou gralha evidentes

Depósito Legal: 381731/14

ISBN: 978-989-8653-27-7

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

# O Santo Soldado

## Antologia

2.<sup>a</sup> Edição





## [A história do painel]

[...]

A francesa, quando ia caminho do Vidago, pernitoiu em Vila Real. Ao arraiar da manhã, cavalgou, e fora da vila, numa esplanada de monte, chamado o «Arcabuzado», parou a examinar um mau retábulo, em que um pincel de 1811 contava à posteridade o caso triste do espingardeamento de um soldado desertor, cinco minutos antes de chegar de Lisboa o pai do padecente com o perdão da junta governativa. Este infausto sucesso contou-lho, em frente do painel, um mancebo, que desde a hospedaria a seguira, sobre o seu irrequieto cavalo. Não ousaria ele intrometer-se a dar explicações, se a francesa, por gesto convidativo, o não animasse a sair-se daquele espasmo mudo, que as mulheres formosas incutem nos provincianos, gente, pelo comum, contemplativa até ao êxtase.

Concluída a história do painel, o moço alinhou o cavalo com o de Margarida, quanto a estrada o permitia, e foi dizendo quem era e para onde jornadeava. [...]

Camilo Castelo Branco, *O Esqueleto*, 10.<sup>a</sup> Edição, Lisboa, 1969, pp. 36 e 37. [1.<sup>a</sup> Edição em livro, 1865; publicada em folhetins no *Jornal do Commercio*, Lisboa, 1864]

## [Monte da Forca]

[...] e a pobre *villa velha*, que nunca compreendeu mais do que o pequeno recinto murado, a igreja de S. Diniz e o adro ou largo da igreja, hoje cemiterio publico, em breve se despovoou, ficando a igreja matriz exposta a ser, como foi, roubada,<sup>1</sup> pelo que el-rei D. Fernando I concedeu aos moradores da pobre *villa velha isenção do serviço militar e de todos os tributos e encargos do concelho, emquanto n'ella rezidissem!...*

[...]

Pedro Augusto Ferreira, Abade de Miragaia, “Villa Real de Traz os Monte” in *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. XI, Lisboa, 1886, p. 946.

---

<sup>1</sup> Em 1670 roubaram a pyxide com as particulas. Apareceram estas em um buraco da tranca da porta e, sendo encontrado um preto a vender a pyxide, foi preso e enforcado no alto do monte da margem direita do Cabril, em frente da igreja roubada, pelo que o dicto monte se denomina ainda hoje *Monte da Forca*.

## Santo em perspectiva

Em consequencia d'uma promessa, vae ser mandada rezar brevemente uma missa por alma do soldado, arcabuzado no principio d'este seculo, cujas cinzas repouzam no solo da igreja da Misericordia, d'esta villa.

Pelo que se vê, principiaram os milagres.

S/autor, *O Echo*, Vila Real, 8 de Maio de 1892, p.2.

### [Missa para suffragar a alma do mártir soldado]

A meza da Santa Casa da Misericordia, d'esta villa, manda cantar no dia 12 do corrente, na capella da Misericordia, uma missa solemne para suffragar a alma do martyr soldado, que foi arcabuzado n'esta villa no dia 12 de Maio de 1813.

Faz, pois, 82 annos n'aquelle dia que tão triste acontecimento enlutou a nobre villa de D. Diniz, manchada pelo sangue d'um innocente para saciar a vingança das justiças d'esse tempo sanguinario.

O perdão do desgraçado vinha justamente á hora em que o mataram.

Tempos calamitosos!

S/autor, *O Villarealense*, Vila Real, 9 de Maio de 1895, p. 2.



## [Monte da Forca]

[...] E, do lado de lá das águas [dos rios Corgo e Cabril], o terreno abruptamente a subir, erizado de penhascos graníticos, completando o carácter d'aquelle panorama soberbo, delicioso trecho da Suissa, como só aqui em Traz-os-Montes se encontra.

Entre essas cumiadas avulta o chamado *Monte da Forca*, ácerca do qual diz a tradição: «Um ratoneiro furtou da igreja do cemiterio uma riquissima custodia. Postos os alguazis em campo conseguiram captural-o. E o juiz condemnou-o então a ser enforcado, *n'um ponto que fosse visto da igreja que elle profanara com o seu roubo*. Para a execução foi então escolhido aquelle monte, que ficou sendo conhecido pelo *Monte da Forca*.

[...]

[Alberto de Sousa Costa], "Ilustrações — Villa Real de Traz-os-Montes" in *Mala da Europa*, Lisboa, 8 de Junho de 1902, p. 3.

## Lenda do Monte da Forca

Certo dia, lá nos tempos antigos, roubou um malvado herege (ou — um preto —, segundo outra versão), o vaso sagrado da igreja de S. Dinis<sup>1</sup>, e foi escondê-lo muito bem escondido num lugar retirado, entre as fragas de uma ladeira, onde ninguém o pudesse descobrir. Mas d’ahi a pouco começou de ouvir-se naquella paragem uma harmonia suavissima, uma musica toda celestial e angelica, que chamou a attenção de algumas pessoas que por ali passavam, e entre estas um moleiro, cujo jumento foi o primeiro a ajoelhar; logo foram dar rebate á povoação e reuniu-se a villa em peso para ver o milagre.

Foi o vaso conduzido em procissão á igreja. Fazendo-se indagações, veio a descobrir-se o criminoso, que foi condemnado a morrer enforcado no alto de um morro fronteiro á dita igreja, o qual desde então se chamou *Monte da Forca* e ficou servindo de theatro para todos os condemnados áquelle supplicio.

## Lenda do Arcabuzado

Nos principios do seculo XIX pertencia ao regimento de Villa Real um soldado que era um verdadeiro modelo de honestidade e honradez. Um dia foi accusado de um crime nefando, de um sacrilegio ou roubo de igreja, e condemnado a ser fusilado apesar de innocentissimo no crime. Elle sabia quem era o verdadeiro criminoso e era-lhe facil denunciá-lo para se livrar a si proprio, mas preferiu morrer a denunciar ninguém. Foi arcabuzado ao sair da

---

<sup>1</sup> Sita no cemiterio da villa e considerada como a mais antiga da terra.

villa na estrada de Chaves. Atravessava apressadamente a ponte de Almodena, ao fundo da villa, um portador que vinha de Lisboa com o perdão da rainha, quando ouviu a descarga!

O logar do supplicio chamou-se *Arcabuzado*, onde depois se erigiu a capella do *Santo Soldado*.

Nas «almas» da Timpeira, a um kilometro do logar, vê-se pintada a scena do fusilamento: um soldado ajoelhado com uma venda nos olho e em frente um outro soldado a disparar-lhe a descarga, cujo fumo se vê a erguer-se a dois dedos da boca do cano. Ao fundo tem escrito: *Foi archabozado (sic) em 12 de Maio de 1813*.

O corpo foi sepultado na igreja da Misericordia, e a devoção do povo cercou-lhe a campa de uma grade de ferro, e ainda hoje não é raro accender-lhe velas ou cobrir-lhe o chão de flores.

O facto é rigorosamente historico, segundo me dizem, mas a imaginação do povo, como sempre costuma acontecer, revestiu o seu heroe de proporções extraordinarias.

A. Gomes Pereira, “Tradições populares e linguagem de Villa Real” in *Revista Lusitana*, n.ºs 3 e 4 do Vol. 10, Lisboa, 1908, pp. 209 e 210.

## O Monte da Forca em Villa Real

No tempo em que as pernas não fraquejavam, os callos e joanetes não estorvavam as caminhadas, *calcante pede*, que com frequencia davamos pelas redondezas d'esta risonha Villa Real, quantas vezes percorremos a vastidão do terreno inculto que forma o *plateau* do Monte da Forca, assim chamado por ser tradição que ali fôra enforcado um preto por ter furtado o vaso sagrado da igreja de S. Diniz.

O povo ingenuo, que, na sua poetica phantasia, tudo reveste de maravilhoso, creou ao facto (se elle se deu) uma lenda que tem passado até nós.

Pelo tortuoso e íngreme caminho que desce ao lugar em que havia a — Porta Franca — da muralha que circumdava a Villa Vella, transitava uma pobre mulher, muito dada a devoções religiosas e como tal, muito favorecida com extasis e beatificas visões, quando ouviu um concerto de vozes, só angelicaes, que partiam, juntamente com deslumbrantes resplendores, de um buraco de uma das paredes.

*Estarrecida* a principio, cobrou animo ao uma voz sobrenatural lhe dizer: — Approxima-te e vê!...

Como arrebatada nas azas de suave zephyro, achou-se em frente ao tal buraco e viu uma porção de *formulas sagradas* alli vertidas a que um numeroso côro de anjos prestava adoração, como em desagravo do nefando caso.

Ardendo em sagrada ira, corre, voz em grita, dar parte do estupendo achado.

Tudo se alvoroça e solta as maiores imprecações, que vão recahir n'um preto, indigitado como unico auctor de tal attentado.

O que a tradição nos não diz é se a execução do delinquente foi precedida de processo ou sem elle. Mas, para o caso pouco importa.

De ordinario aceita-se uma versão d'esta natureza sem que se cure de indagar da sua veracidade. Ha tantas cousas assim!...

[...]

X., "O Monte da Forca em Villa Real" in *O Vilareallense*, Vila Real, 2 de Junho de 1910, p. 1.

## O infeliz arcabuzado em Villa Real

Fez 98 annos na ultima sexta feira que em Villa Real foi arcabuzado innocentemente José Custodio, natural de S. Pedro-o-Velho, de Mirandella, o soldado a quem o povo levou á dignidade de santo.

Jaz na capella da Misericordia, d'esta villa, n'um tumulo especial, ornado de lumes e flores que os devotos alli lhe collocam por devoção com o martyr, a quem pedem socorro nas suas afflicções.

S/autor, *O Villarealense*, Vila Real, 18 de Maio de 1911, p. 3.

## Festejos ao soldado do Arcabuzado

Para os dias 13 e 14 do corrente projectam-se n'esta villa uns festejos em homenagem ao soldado que tem a sua capellinha no poetico sitio do Arcabuzado.

A respectiva commissão já principiou a recolher donativos para o piedoso fim que tão devotadamente se propõe.

S/autor, *O Villarealense*, Vila Real, 4 de Julho de 1912, p. 2.

## Festa ao Santo Soldado

Quasi que passou despercebida a festa que no sabbado e domingo se realisou em honra de Santo Soldado; não porque a commissão promotora dos festejos deixasse de esmerar-se em dar brilho ao arraial e festa de domingo, mas porque o frio que fez n'aquella noite e no dia tirou-lhe a concorrência.

S/autor, *O Villarealense*, Vila Real, 18 de Julho de 1912, p. 3.

## O Santo Soldado de Villa Real

Quando aqui estacionaram as forças do commando do Beresford, foi, pelo crime de deserção, arcabuzado um pobre soldado, na esplanada do monte, hoje propriedade do commendador Barros, nas proximidades do paiol.

O nosso povo, como o de toda a parte, sempre disposto á compaixão por aquelles que soffrem, criou-lhe a lenda de um martyr, e sem que fosse necessaria a reunião do sacro collegio de Roma, o collocou na lista dos bemaventurados.

Por muitos annos existiu no logar onde se diz ter sido feita a execução, um alpendre de madeira, que acobertava uma cruz tôsca, a que estava prezo um quadro representativo do supplicio, com a legenda seguinte, que aqui se transcreve *ipsis verbis* e com a propria, d'ella, ortographia:

*«Ó vós que ides paçando,  
Reparai por piadade,  
Que o pinzel só pinta  
Disgracias da omanidade!»*

As coisas tinham ficado só por aqui, até que um vidente, um favorecido das graças divinas, provavelmente depois do despertar d'um d'aquelles arroubos tão frequentes nos que se entregam á vida contemplativa, indicou na capella da Misericórdia d'esta villa o logar onde tinha sido sepultado o *santinho*, dando como prova irrefragavel o inebriante olôr que rescendia, só para elle, de um cantinho do pavimento, logar muito commodo para alli se collocar uma grade, sem estorvar a concorrência dos fieis, pois que, se por casualidade a sepultura fosse ao centro do pavimento da capella, já



alli não era possível fazer-se o gradeado, ou então tinha de fazer-se a trasladação da ossada e, porventura, de corpo intacto.

Era n'aquelle mesmo logar que out'ora estava a gigantesca roca de vigas de madeira, montada em possante e ferreo rodado, o S. Christovam, de saudosa memoria d'aquelles que o viram, como os *gigantones*, em Vianna, fazer a parte mais attrahente da procissão de Corpus Christi.

Se o *santinho* tem rendido em offerendas de cêra, dinheiro e alfaias é o que nem a todos consta, mas é de crer que não vá de encontro ao pittoresco dizer: *Telha de igreja sempre goteja*.

Este suppliciado a quem o povo conferiu a dignidade de Santo, parece que não tem sido bafejado pelas beneficas auras que teem dado, quasi mundial, reputação a outros bemaventurados, pois, passado mais de um seculo, ainda em sua honra não foi erigido monumento que chame a attenção, alem da modesta ermida nas proximidades do supplicio, uma lapide junto da Fonte do Entroncamento das estradas de Chaves e Bragança e agora a grade e epitaphio da hypothetica sepultura na capela da Misericordia.

*Mas de cá se vae a lá*. O caso é fazer reclamo condigno não esquecendo o afinar das tubas que levem *urbi et orbi* a fama dos prodigios que se dizem operados, e ver-se-ha como os romeiros, uns de esclavina e bordão, outros descartando e bailando affluem por todas as embocaduras d'esta villa, levando votos e promessas, que, de futuro, poderão estar a par dos que a piedade acumula nos santuarios dos Remedios e S. Torquato.

No povo ainda não arrefeceu a fé nem a vontade de folgar...

X., "O Santo Soldado de Villa Real" in *O Povo do Norte*, Vila Real, 21 de Julho de 1912, p. 3.

## Santo Soldado

No sabbado e domingo preteritos effectuou-se junto á capellita do Santo Soldado a festividade que uma commissão promoveu em honra do mesmo santo.

Apezar do muito frio que n'esses dias se fez sentir, não faltou concorrência e animação a esta festa, que se realisou no pittoresco sitio do Arcabuzado.

*S/autor, O Villarealense, Vila Real, 28 de Maio de 1914, p. 2.*

## Santo Soldado

Nos dias 14 e 15 do proximo mez de outubro realisa-se no sitio do Arcabuzado o costumado arraial em honra do popular Santo Soldado.

Haverá arraial, musica, fogo do ar, etc.

Consta-nos que estão outras festividades em projecto.

*S/autor, O Villarealense, Vila Real, 21 de Setembro de 1916, p. 2.*

## Festividade

A commissão que projectava, realizar a festividade annual ao Santo Soldado nos dias 14 e 15 do corrente, resolveu transferil-a para os dias 4 e 5 de novembro proximo, no sitio do Arcabuzado.

*S/autor, O Villarealense, Vila Real, 26 de Outubro de 1916, p. 3.*

## [A Capelinha do Santo Soldado]

[...]

«Foram apenas umas reflexões, meus rapazes, mas deixemos isto e vamos embora. Está rompendo a manhã, convém aproveitarmos esta aragem agradável, porque é provável que o dia seja ardente» — concluiu o professor.

Um bellissimo automovel aguardava os viajantes á porta do hotel e poucos minutos depois, Giorgio, Polichinélo e o mestre, comodamente reclinados nas suas fôfas almofadas, saíam de Vila-Rial pela estrada de Chaves.

De repente, mesmo ao sair da povoação, ouviu-se um estrondo como o rebentar duma bomba:

«Pum!» E logo a voz do *chauffeur* tranquilisadora:

«Não se assustem — apenas uns instantes de demora. Rebentou um pneumático, vou substitui-lo.»

«A minha espada?» perguntou Polichinélo, a quem a detonação despertára os seus instintos guerreiros.

«Vai na mala; sosséga» — respondeu Giorgio.

«O menino gosta da tropa? — inquiriu o *chauffeur* — Então vou contar-lhe a historia da capelinha que está ali e se chama do Santo Soldado, como a esta estrada se chama a do Arcabuzado. Ha outra estrada lá por baixo, mas eu gôsto mais desta, porque tambem tenho cá as minhas simpatias pelo santinho.»

«Tenha a bondade de contar, conte, conte!» — pediram os rapazes, com aplauso do mestre.

Então lá vai:

«No principio do seculo XIX, um soldado (o nome não o sei) foi caluniosamente acusado de haver cometido o roubo dum calix, numa das igrejas da Vila e, porisso, julgado e condenado á morte.

O homem afirmava a sua inocencia, invocando, como testemunhas, Deus e todos os santos da côrte celestial. Por desgraça, não pôde prova-la. Um seu parente partiu para Lisboa, a pedir o indulto do reu. Mas nêsse tempo, não havia comunicações rapidas e embora o homem se esfalfasse e rebentasse cavalos, para chegar mais de-pressa, só pôde chegar a tempo de ouvir os tiros que vitimavam o servo de Deus. O parente obtivéra o indulto. Contudo, a opinião publica estava ainda convencida do seu crime, quando o verdadeiro autor adoeceu e morreu, tendo pouco antes confessado, que fôra êle quem o praticára e que o soldado morrera inocente. Diz a tradição que foram precisas duas descargas para o matar, pois a primeira não se atreveu a tocar-lhe.

Desde a confissão do verdadeiro criminoso, o povo começou a adorar o pobre martir. Erigiu-lhe esta capelinha e conta imensos milagres, que êle tem feito. Eu mesmo não vou satisfeito para as minhas jornadas, sem me encomendar ao Santo Soldado.

Está pronto o conserto e acabada a historia, meus senhores, queiram tomar os seus logares, para aproveitarmos a fresquinha da manhã. Que o espirito do Santo Soldado vá conosco e nos proteja!»

E, enquanto os tres viajantes retomavam os seus logares, uma rapariguita morena e gentil, levando á cabeça, sobre o seu lenço garrido, de ramagens, um açafate cheio de laranjas perfumadas, cantava:

Das cidades — é o Porto!  
Das vilas — Vila-Rial!  
Não há terra mais bonita,  
No Norte de Portugal!

Emília de Sousa Costa, *Polichinélo em Trás-os-Montes*, Lisboa, 1918, pp. 80 a 82.

## O Santo Soldado ou o Arcabuzado

[...]

À saída da cidade encontram-se umas alminhas, a-par-de uma fonte. É memória de um soldado, inocentemente arcabuzado por crime de sacrilégio. O túmulo dêle é venerado na igreja da Misericórdia, e o «Santo Soldado» tem na cidade o culto dos mártires, que a fé, a esperança, a caridade, nimbam de luz perene e sugestiva na crença dos povos. Fixei as glórias, rememoremos o martírio, — mártires embora sejam os três desta constelação.

Eu conto. É um pedaço de alma trasmontana de não longínquo antano, a que se prendem hoje muitas almas trasmontanas.

### *O SANTO SOLDADO OU O ARCABUZADO*

Em Vila-Real estava de guarnição, no ano de 1813, o batalhão de Caçadores n.º 3. Esta unidade famosa da «infantaria negra», de farda de çaragoça côr-de-pinhão com a gola preta e os canhões pretos também, movimentava as ruas da vila. As barretinas cilíndricas, muito altas, balouçavam por cima da trompa simbólica o penacho verde, em forma de cipreste de redoma.

Um dia, correu na vila a notícia terrífica de um sacrilégio, cometido por soldados em uma das igrejas. Tôda a gente o sabia já. Passou de bôca em bôca a informação. Fôra arrombado um sacrário e roubada a píxide com as partículas sagradas. E a acusação caía sôbre as praças de Caçadores 3.

Andava a população excitadíssima com o desacato, e arreçada da vingança dos homens em nome de Deus.

Era necessário o castigo dos criminosos, e devia-se uma solene reparação à Eucaristia.

\*

Havia no batalhão, aquartelado na vila, um soldado exemplar. Era estimado pelos superiores, e respeitavam-no os camaradas, querendo-lhe como a irmão mais velho, leal entre os que mais o eram.

Os sacrílegos ladrões do sacrário foram pedir-lhe conselho. Ficou aterrado o militar; conforme pôde, aconselhou-os a entregarem o roubo, confessando-se arrependidos.

Os superiores, porém, não lhes deram tempo. Foi ordenada uma revista ao batalhão, formado em ordem de marcha, mochilas às costas com todo o petrechal da ordenança.

Alinhavam-se os soldados no terreiro do quartel. Fileiras abertas, abria-se no chão, diante de cada soldado, a sua mochila. O soldado exemplar perdeu o alento, quando, ao abrir a que lhe pertencia, deparou com um cálicezinho a dourejar.

O cálix roubado! — exclamou consigo só, no isolamento profundo da sua alma.

Esperou os acontecimentos. Os oficiais, que revistavam as praças, aproximavam-se, e o desgraçado teria passado nesses minutos angústias mortais.

Suporiam os criminosos que ninguém acreditaria nele tão hidiondo crime? Se assim era, que horror aquela demora!

Talvez alguns dos oficiais pesquisadores tivesse hesitado em tocar naquela mochila. Mas a ordem era geral, mandava o dever cumpri-la. E qual não foi o espanto de todos, quando, de uma dobra da roupa, a mão de um oficial tirou uma píxide aurifulgente ao sol, que iluminava o cenário!

Um sussurro de admiração e de repulsa atravessou num instante as fileiras. Os oficiais não queriam acreditar. O soldado, a

princípio alheio, no torpor do inesperado, caiu de joelhos a chorar convulsamente.

Ordens rápidas e terminantes foram dadas. Uma escolta acompanhou a píxide, que o capelão regimental se apressara a erguer ceremoniosamente nas mãos sagradas. Outra escolta levou o soldado à pior prisão do quartel. Aquela caminhava respeitosa, com a pragmática processional. Esta ia deabalada, na pressa de enclausurar o criminoso.

\*

Conselho de guerra, oficiais hirtos como estátuas na sala do tribunal, o réu cabisbaixo e cadavérico diante dos juízes.

À entrada houve uma scena lancinante. Foi o encontro do pobre soldado com o pai.

— Ai, meu paizinho, que eu estou inocente! — bradou o soldado, abraçando-se ao pai.

— Bem me dizia o coração que tu não podias ser um criminoso, meu filho, — e o pai estreitava-o contra o peito leal de pai e trasmontano.

— Que quere, meu pai? Deus assim o quis!

— Assim o quis! — estranhou o pai. — Se não foste tu, sabes por aí quem foi?

— Sei, meu pai, — respondeu o filho.

— Então vais acusá-los.

— Nunca, pai, — e entrou decidido no tribunal. Negou sempre a acusação, como se recusou a denunciar os autores do crime.

— Ai, filho, que te matas! — gemeu com angústia o pai.

O conselho de guerra, em vista das supostas provas do crime na pessoa do soldado, condenou-o a ser arcabuzado, ou, conforme ao que diríamos hoje, fusilado; e sê-lo hia dentro de dias.

— Não posso deixar matar o meu filho! — decidiu o pai, e pôs-se a-caminho-de Lisboa com tôda a velocidade, que os cavalos

sucessivamente montados, uns após outros, podiam atingir.

O tempo urgia, cumpria aproveitá-lo, e a Rainha<sup>1</sup> era bondosa, concederia o perdão ao inocente, vítima da traição dos sacrílegos.

\*

Rapidamente chegou o dia marcado para a execução do condenado. Em Vila-Real avolumava-se a onda de piedade, que desde o conselho de guerra envolvia o militar. À repulsa anterior pelo crime cometido, sucedeu a simpatia pelo mártir. Porque o aprumo daquela alma, durante o julgamento, convencera todos da sua inocência.

Esse mesmo sentimento foi tocar o coração dos superiores, que, fiéis aos regulamentos e não convencidos pelas provas aparentes do crime, o tinham condenado. Alguns teriam talvez sido surpreendidos pela evidência do sacrilégio, que recaía sobre o melhor soldado do batalhão. A maioria, porém, não acreditava.

Confiava toda a gente no perdão régio. Mas o dia 12 de Maio chegou, e o pai do condenado não voltara ainda. As autoridades militares tinham de cumprir a sentença.

Logo depois da «alvorada», começaram no quartel os preparativos para a execução da pena.

O condenado levava toda a noite de oratório, e confessara-se ao capelão regimental. Perante Deus, o juramento daquele homem, no limiar da morte, não podia ser falso. O padre hesitava entre o dever de calar e o impulso de gritar a inocência do condenado. Por fim, correu aos comandos, e impetrou clemência, bradou perdão para o inocente.

O mais que poderam fazer-lhe, em concessões permitidas, foi demorar a execução por horas, a ver se chegava o pai angustiado,

---

<sup>1</sup> Reinava D. Maria I, era regente o Príncipe D. João, depois VI; estava a côrte no Rio de Janeiro; «Rainha» é aqui, por antonomásia, o «Govêrno da Rainha».



que fôra buscar a Lisboa o perdão, com que deveria arrancar o filho ao fusilamento fatal.

As horas concedidas passaram, e haviam de cumprir-se as leis. Nada valia contra elas, inexoráveis, o que ia no coração dos homens.

\*

Ao-fim-da vila, na estrada de Chaves, passada a Timpeira, estende-se um campo, onde já então se realizavam exercícios militares e se executavam os condenados à morte por arcabuzamento, isto é, os criminosos da classe militar.

No dia 12 de Maio de 1813, perfilava-se ai, diante do pelotão de execução, o pobre acusado do sacrilégio incomensurável.

— Tens alguma coisa a pedir? — perguntou-lhe o oficial da justiça militar.

— Tenho, — respondeu o soldado.

— Então, dize, — ordenou o superior.

— Não fui eu que roubei o cálix. Não me tomem por ladrão e herege.

— Quem foi então?

Firmemente, querendo talvez mostrar que sabia quem eram os criminosos, mas que os não denunciaria, respondeu: — Não fui eu. É quanto posso e devo dizer.

Soldados do batalhão continham a distância a população irrequieta, que pedia perdão para o soldado.

Vendaram os olhos ao condenado; êste ajoelhou, e ficou de mãos-postas em oração, à espera da descarga executória. Vozes, frias, ásperas, tremendas de comando...

— Apontar... fôgo...

Souo uma descarga rápida, sinistra, que apertou os corações na angústia de um trovão súbito. Os espectadores, ao largo, regelaram. Houve quem desmaiasse, quem ajoelhasse num ímpeto de prece, e tôda a multidão se convencia, naquele momento tremendo, de um

grande êrro da justiça humana. O soldado tombara.

\*

Na extremidade oposta da vila, as estradas, que vêm da Régua e do Pôrto pelo Marão, reúnem-se e atravessam a ponte de Almodena sôbre o Cabril.

Quando reboou a descarga no campo, que ainda hoje se chama o *Arcabuzado*, galopava a tôda a brida um homem pela ponte de Almodena. O cavaleiro, que na correria seguida rebentara uma dúzia de cavalos, era o pai do supliciado; vinha com o perdão para o filho, — o perdão da Raínha.

Compreendeu que chegava tarde. Estava tudo acabado. Restava-lhe dar sepultura ao filho, que no coração se lhe sepultara já a sua memória amada.

O corpo do arcabuzado teve apenas uma bala. Correu entre o povo de Vila-Real que fôra a de um dos vís sacrílegos, que deixaram morrer o inocente, e êles próprios o condenaram à morte, escondendo-lhe a píxide na mochila. Os outros atiraram para o ar.

Formou-se em-redor-do morto uma auréola de martírio cristão, semelhante à das vítimas das perseguições. Erigiu-se-lhe em comemoração e homenagem a capela do *Santo Soldado* no lugar onde caiu morto, que dele tomou também o nome. O corpo, levado pelos irmãos da Misericórdia, que tinham o privilégio de recolher os justificados, teve sepultura em campa rasa na sua igreja.

Ainda hoje lá está, com um berço de ferro à-volta-da lousa; os devotos, que a êle recorrem, oferecem-lhe flores, e a igreja da Misericórdia, no cantinho da entrada, à mão esquerda, rescende às flores desfolhadas, acende-se nas claridades vermelhas das velas votivas. A sepultura do *Santo Soldado*!

E, por derradeira homenagem, num recanto da Timpeira, bifurcação da estrada de Chaves e do ramo comum das que levam a Murça e a Alijó, estão as *alminhas* do Arcabuzado. Muito simples

e muito de arte popular: um soldado ajoelhado, olhos vendados, e outro de pé, arma à cara, fusilando-o; paisagem escalvada.

O lugar é idílico. Só as *alminhas* evocam a tragédia crua. Umhas árvores, sombra amena, um recanto onde a água de um chafariz dá de beber a quem passa e parece chorar a memória do mártir, ali representado, a um quilómetro do sítio onde o arcabuzaram...

E o povo, que à intercessão do *Santo Soldado* tem recorrido, afirma que, como um santo, êle tem feito os seus milagres. Por isso lhe desfolha flores e acende velas na campa, dentro da igreja da Misericórdia da cidade.

Quereis saber-lhe agora o nome? Chamou-se José Custódio, natural de S. Pedro-Velho de Mirandela.

Tirêmos o chapéu. — Se és crente, viandante, que passas, faze o que te pede o retábulo do martírio dêste trasmontano.  
*P. N. A. M. [...]*

Luís Chaves, *Trás-os-Montes. No Horizonte das Almas e da Terra — Páginas Trasmontanas — I*, S/local, 1931, pp. 18 a 24.

## José Custódio

CUSTÓDIO (José) — Natural de S. Pedro Velho, concelho de Mirandela, soldado de caçadores n.º 3, da guarnição de Vila Real em 1813. Uns seus camaradas roubaram sacrilégamente o vaso do sacrário de uma igreja daquela vila e, sentindo-se perseguidos, tiveram arte de esconder o roubo na mochila do Custódio, sem êle dar pela conta. Ràpidamente houve revista geral e o nosso conterrâneo foi condenado à morte. Era um bom e todos os superiores o reconheciam como tal; mas as aparências condenavam-no, e êle, que sabia quem eram os gatunos, não os quis descobrir. Seu pai, animado pelos oficiais, que lhe prepararam um memorial honrosíssimo, foi a Lisboa e obteve o perdão régio; mas não chegou a tempo: ao entrar em Vila Real, no sítio chamado Arcabuzado, nome que lhe ficou do nosso conterrâneo, suou a descarga fatal. Diz a tradição que no seu corpo apenas entrou uma bala e essa foi do sacrílego ladrão que lhe escondeu a pixide na mochila; os mais soldados atiraram para o ar. O povo venera-o como santo, erigiu-lhe a capela do Santo Soldado no local onde caiu fuzilado, desfolha-lhe flores sôbre a campa, resguardada por uma grade de ferro, acende-lhe alampadas e oferece-lhe votos, tal qual ao José Jorge no cemitério de Bragança<sup>1</sup>.

Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo VIII, Porto, 1932, p. 106.

---

<sup>1</sup> CHAVES, Luís — *Trás-os-Montes*, 1931, p. 18.

## Papeis velhos

### **Quanto se gastou com o funeral do Santo Soldado, arcabuzado em Vila Real em maio de 1813?**

Segue a copia textual, encontrada nos arquivos da Misericórdia:

Acharam que haviam dispendido com o sacristão, coveiro, vinho e hostias, 2\$400 reis. [sic; despesa não respeitante ao funeral]

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu ao Nosso Irmão José Dias, para pagar a José Gomes de Carvalho, servente do Santissimo de S. Pedro, a despeza da cera para officio e funeral e sufragios do justicado nesta Vila — Antonio Gonçalves Pegueira — da cidade de Castelo Branco, soldado do batalhão de Caçadores n.º 3 [sic; n.º 5], que foi em dia quarta-feira de 12 de maio de 1813, no sitio da Santa Iria, caminho da Timpeira, suburbios da mesma Vila, —10\$090 reis.

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu ao Nosso Irmão para pagar a despeza do mesmo justicado, enquanto esteve no Oratorio a dar preparos para supplicio e abrir a cóva, 2\$590 reis.

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu ao Nosso Irmão Antonio Caetano Relvas para pagar o officio, missas e mais sufragios no dia do mesmo officio pela Alma do dito justicado, 15\$790 reis.

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu a José Pereira Nicho, por 16 cirios [sic; vidros] e bitume para os mesmos, situados nas frentes [sic; frestas] e janelas da casa de despacho e sacristia, 4\$000 reis. [sic; despesa não respeitante ao funeral]

Finalmente, acharam que haviam dispendido com aluguer de bancos para o officio do justicado, 120 reis.

Gastaram-se, ao todo, trinta e cinco mil reis com um tostão.

S/autor, “Papeis velhos” in *O Villarealense*, Vila Real, 18 de Julho de 1935, p. 2.

## «Santo Soldado»

Quando nas lutas Napoleónicas, Vila Real foi teatro de aparatosos movimentos de guerra com aquartelamento de soldados doutras regiões. As fardas dos soldados eram de saragoça cor de pinhão com gola preta. A barretina era cilíndrica com penacho verde. O heroísmo dos soldados caminhou na luta contra os franceses. Eram educados dentro duma disciplina rígida. Nas horas vagas divertiam-se e namoriscavam as moçoilas e alguns lá casaram. Por vezes as zaragatas dentro das tabernas eram frequentes e alguns roubos se praticaram. Em certa manhã o Prior de S. Francisco ia rezar missa e deu conta que tinham roubado o Sagrado Calix. Prevenidas as autoridades, estas tomaram providências para descobrir o ladrão. A voz pública começou a acusar as praças de caçadores 5 de Castelo Branco. O comandante ordenou revista geral à tropa. Tudo foi remexido e com espanto geral o calix foi encontrado na mochila do soldado António Pegueira, de Castelo Branco. Por malvadez o ladrão escolheu o soldado mais estimado e conselheiro dos seus camaradas. Foi julgado em conselho de Guerra. Ninguém viu o Pegueira junto à igreja, todas as testemunhas o consideraram inocente, mas o calix tinha aparecido na sua mochila. Foi condenado ao fuzilamento. Seu pai seguiu a Lisboa rogar perdão à regência e quando regressava com o perdão régio e ao chegar à ponte da Almodena o cavalo reventou de tanto galopar e ainda ouviu a descarga que fuzilou o seu filho. Ao vestir o cadáver verificaram que só um tiro o atingiu no coração e logo o povo se convenceu que o tiro foi disparado pelo culpado. O povo cognominou-o de Santo Soldado e erigiu uma capela no Monte do Arcabozado.

Texto publicado numa embalagem de cevada — *Cevada Santo Soldado*, comercializada por Nogueira & Pereira, L.da, Rua das Flores, 18-24, Porto, na década de 1930, 1940 ou 1950.

## Santo Soldado

No ano da graça de 1813 estava ainda em campanha, contra os franceses, todo o Batalhão de Caçadores 3, pertencente à guarnição de Vila Real.

Na primavera, dêsse ano, já quâse tôda a Espanha tinha sido reconquistada pelas tropas aliadas constituídas pelo Corpo Expedicionário Inglês que tinha feito a campanha em Portugal, as tropas espanholas e a Divisão Portuguesa, de 26.000 homens de tôdas as armas, debaixo do comando do Tenente-General Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 1.º Conde de Amarante, um vilarealense ilustre que tanto se notabilizou durante a Guerra Peninsular.

Como era costume, o batalhão de Caçadores foi para a guerra na sua totalidade.

Como era a única tropa de linha em Vila Real, foi determinado que, na sua ausência, fosse instalado, provisoriamente, nesta vila, um destacamento de Caçadores 5, de Castelo Branco, escalado para serviço de vigilância na fronteira. Era comandante deste Batalhão o Tenente-Coronel Francisco de Portugal Peixoto, natural de Vila Real, filho dos Morgados de Sabroso, que veio a morrer, anos depois, como comandante da Brigada de Caçadores, no assalto à Serra do Pilar, durante o cêrco do Pôrto pelas tropas Realistas. Foi um dos mais brilhantes militares do seu tempo.

Estava este destacamento de guarnição, em Vila Real, desde o ano de 1811. Tinha feito tôda a campanha em Portugal com o seu Batalhão e por necessidade militar para aqui foi mandado.

Pertenciam os Batalhões de Caçadores à célebre Infantaria Negra da Guerra Peninsular tanto pelo seu heroísmo, muitas vezes demonstrado, como pela sua farda típica.

Vestiam os caçadores farda de saragoça, côm de pinhão, com gola preta, canhões da mesma côm, e barretina cilíndrica, alta, tendo à frente a trompa simbólica dessas unidades com o respectivo número, e em cima um grande penacho verde.

Estes dois Batalhões de Caçadores, n.<sup>os</sup> 3 e 5, faziam parte dos seis Batalhões, creados, pela Organização do Exército Português, debaixo da orientação do general inglês Arthur Wellesley, pelo edital da Regência do Reino de 30 de Setembro de 1808, depois da primeira invasão francesa. O número de Batalhões de Caçadores foi, depois, aumentado.

Os soldados destes dois Batalhões eram serranos e o seu heroísmo caminhou a par na luta contra os franceses. No princípio desse ano de 1813, Caçadores 3 batia-se ainda nas províncias do norte de Espanha debaixo do comando do Tenente-Coronel Manuel da Silveira, filho do Conde de Amarante. Caçadores 5 tinha ficado em Portugal depois da batalha de Campo Maior, em 16 de Maio de 1811, como tropa de guarnição na fronteira e nalgumas povoações de certa importância.

Assim encontramos este destacamento de Caçadores 5 em Vila Real nessa primavera de 1813.

Os soldados só eram mortificados pelas saudades de suas famílias distantes, mas consolavam-se com a esperança do próximo fim da guerra e do seu breve regresso à terra-mãe.

Demorava o quartel de Caçadores, em Vila Real, no cimo do Tabolado, num casarão situado ao fundo dos Arcos da Praça, junto à Roda dos Expostos. Não era edifício próprio pois que foi adaptado a tal fim por resolução da Câmara e determinação do Capitão-Mor de Vila Real que tinha a seu cargo o alojamento, o sustento e a mobilização da tropa. Não cabiam nele todos os soldados havendo necessidade de recorrer ao seu aboletamento em várias casas.

Corria monótona a vida nesta Vila Real, empobrecida, como quase todas as terras do país, pelas invasões. Já não havia guerra e os



soldados, apesar de educados, numa disciplina rija, pelos ingleses, e habituados a uma vida de nada-fazer, porque a vida do quartel era pouco intensa, procuravam divertir-se, como podiam, namorando as moçoilas e arranjanado novas amizades. Alguns aqui casaram.

A vida de paz e de hábitos sedentários creou-lhes alguns vícios já dificilmente corrigidos pelos seus oficiais.

Eram vulgares as zaragatas, nas tabernas, com o concurso dos soldados.

O diabo tece-as e... assim aconteceu.

Numa manhã, o prior de S. Francisco, quando ia rezar missa na Igreja do Convento, notou que a pequena porta do Sacrário tinha sido violada e que dentro faltava o sagrado Calix que êle pessoalmente tinha colocado dentro, no dia anterior.

A sagrada taça tinha sido roubada e para o malvado gatuno não podia haver perdão na Terra, nem no Céu.

O roubo devia ter sido praticado na tarde do dia anterior, depois das Vésperas, ou durante a noite.

Avisado o guardião do Convento, este preveniu logo o Corregedor da Comarca, Dr. Alexandre Thomaz de Moraes Sarmiento que fez a sua participação ao Juiz de Fora Dr. António Roberto de Araújo.

Foi aberta uma Devassa para castigar o infame ladrão. Nada se conseguiu saber.

A voz pública começou a acusar as praças do destacamento de Caçadores 5, como autoras da proeza, por terem sido vistas, algumas, à noitinha, junta à quelha de Codeçais. A Devassa prosseguiu e passou do poder civil para a justiça militar.

Era necessário descobrir o ladrão a bem da Santa Religião e lavar a mancha que pesava sobre os soldados.

O Comandante do Destacamento deu ordens rápidas de revista geral a tôda a sua tropa. Ao toque do clarim os soldados foram às casernas, equiparam-se conforme o regulamento e aprontaram-se para a parada. Tudo no Quartel foi remexido. Os soldados

foram revistados depois. Com espanto geral o cálix foi encontrado na mochila do soldado António Gonçalves Pegueira, natural de Castelo Branco, que imediatamente recebeu ordem de prisão do comandante.

A descoberta do roubo não satisfez ninguém. Não era acreditável que um ladrão fosse esconder o seu roubo num lugar que era forçosamente revistado, sabendo que, em tôdas as revistas normais, a sua mochila seria sempre aberta.

Por malvadez, o culpado ou os culpados, escolheram o soldado mais estimado, o mais bem comportado, o companheiro exemplar, conselheiro dos seus camaradas nos momentos de aflicção e, acima de tudo, o mais respeitado, pelo seu espírito religioso e lealdade para com os seus camaradas da tropa, tanto pelos oficiais como pelos soldados.

Cometeu-se assim um crime para abafar outro crime.

O suposto criminoso, apesar de apregoar a sua inocência, foi logo enclausurado e esperou na prisão a conclusão do respectivo processo.

O pai do infeliz soldado, avisado do sucedido, veio logo a Vila Real ouvir o filho que entre lágrimas lhe confessou a sua inocência, e, depois, seguiu de jornada, até Lisboa, a pedir à Regência a sua protecção contra a fatalidade, no Destino sombrio do filho. Encorajado por cartas de pessoas gradas da terra, para parentes e vultos políticos da capital, assim foi, este pobre velho, tentar salvar a vida daquele desgraçado, acusado pela dureza das aparências. Tudo queria fazer para salvar da morte certa, o seu filho. Nada conseguiu.

O processo foi terminado. O Conselho de Guerra reuniu. Ninguém viu o soldado Pegueira junto à Igreja, ninguém o acusou. Tôdas as testemunhas o defenderam.

O calix tinha aparecido na sua mochila. Foi condenado á morte.

O povo de Vila Real não se convenceu que fosse um ladrão. A justiça dos homens castigava, por factos muitas vezes mal

comprovados e evitava o uso da razão.

Era um inocente imolado, pela justiça, por um crime que não cometera. Era mais um justo que ia pagar a falta dum pecador, duas vezes criminoso.

Para o pobre soldado a injustiça humana só poderia ter uma compensação: Ser um Bem-Aventurado.

Finda a audiência, foi novamente enclausurado até à execução da sentença.

A Meza da Misericórdia ocupou-se em instalar, na pequena cela da prisão, um oratório, para que aquele que, ia pagar daí a poucas horas, a conta dum crime alheio, poder resignar-se perante Deus e pedir-lhe perdão para os que tão injustamente o iam matar.

A 12 de Maio de 1813, a uma quarta-feira, ao toque da alvorada, começavam os preparativos da execução que estava marcada para essa manhã, no monte de Santa Iria, ao norte da vila.

Formou-se o cortejo com as autoridades civis e militares, irmandades e a mesa da Misericórdia que ia na missão de recolher o cadáver do justicado. Chegados a Santa Iria, o pelotão executor formou, sendo levado o executado para a sua frente.

O alferes de Caçadores 5, José Ignacio de Vasconcellos, fez-lhe as perguntas do estilo :

— Tens alguma coisa a pedir?

— Não sou hereje, nem ladrão — diz o soldado. Se os homens me condenam, Deus me compensará, porque estou inocente.

Esta confissão comoveu o oficial que, pelo seu cargo, era obrigado a cumprir tão ingrato dever.

Era numerosa a assistência a este fúnebre espectáculo.

A dôr que todos sentiam pela sorte do soldado manifestava-se em chôr unânime com orações em voz alta ditas pelos assistentes. Num momento tudo se calou. O oficial mandou vendar os olhos ao soldado, voltou-se para o pelotão e elevando a voz ordenou:

— Apontar... fôgo.

Soou a descarga. O condenado caiu. Estava morto. O oficial foi verificar o óbito, sendo desnecessário o golpe de misericórdia.

A justiça dos homens tinha cumprido, o que supunha, um dever. A alma do soldado foi entregue a Deus. O corpo, como despôjo inútil, foi religiosamente entregue à Santa Casa da Misericórdia, que, em nome da Divina Providência, lhe daria sepultura em campo santo.

Ao vestir o cadáver verificou-se que foi atingido, somente por um tiro que lhe atravessou o coração.

Só um, um único soldado, fez a pontaria. Atendendo à pequena distância é acreditável que os restantes a errassem propositadamente.

Nesse mesmo dia, à tarde, com grande acompanhamento, foi a enterrar, na Igreja da Misericórdia, esse homem que até ao último momento confessou a sua inocência.

Começou então a lenda:

Quem roubou o calix? Nunca ninguém o soube.

Para o povo de Vila Real o soldado António Pegueira não foi o ladrão e morreu inocentemente.

Era voz do povo que o culpado devia pertencer ao destacamento de Caçadores 5 e, foi o verdadeiro gatuno que, pertencendo ao pelotão executor, atingiu o condenado com o único tiro que o matou, pois que todos os outros erraram a pontaria.

Gente caridosa mandou rezar missas e outros officios por alma do inocente soldado.

Tal volume atingiu a crença sôbre a sua inocência que no fim desse ano de 1813 se organizou uma comissão para angariar donativos e com o dinheiro construir um mausoleu, com grades, dentro da Igreja da Misericórdia. As grades foram tiradas, ainda há pouco tempo, por estorvarem a permanência dos fieis nos officios divinos. Ainda hoje se lê o epitáfio da campa que diz o seguinte:

*Aqui jaz o soldado de Caçadores arcabuzado em 12 de Maio de 1813.*

O soldado foi santificado pelo povo. Todos os dias pessoas de várias categorias sociais iam orar no túmulo do seu santo e pedir-lhe a sua protecção.

Em 1845, outra comissão de crentes mandou erigir em Santa Iria, no local onde caiu morto o soldado, uma capelinha de pedra tendo dentro um altar, em madeira, com um crucifixo e no supedâneo uma gravura a óleo representando o fusilamento com uma inscrição igual à da Misericórdia: *Soldado arcabuzado em 12 de Maio de 1813. P. N. A. M.*

A memória do Santo Soldado enraizou-se, de tal maneira, na crença popular que se creou um verdadeiro culto.

Além do túmulo da Misericórdia e da Capelinha de Santa Iria erigiram, também, no Entroncamento da Timpeira, outra memória, tipo alminhas, com a gravura da execução, não faltando a caixa de esmolos.

É vulgar ainda hoje vêr gente ajoelhada deante destes quadros simbólicos, pintados, talvez — quem sabe? — para mostrar o que é a justiça humana.

O Santo Soldado tinha vivido como um bom e morreu, segundo a crença popular, como um inocente.

Uma única prova o condenou aos olhos dos homens.

A sua consciência, falando à hora da morte, confessou-o inocente, para os homens e para Deus.

Paz à sua alma.

A título de curiosidade damos a seguir uma cópia da acta da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real que se refere a este assunto:

## MEZA DO DIA 6 DO MEZ DE JUNHO DE 1813

*Aos seis dias do mez de Junho de mil e oito centos e treze annos, estando em Meza o nosso Irmão Provedor Fran.<sup>co</sup> Corr.<sup>a</sup> Teix.<sup>a</sup> Pinto do Amaral com os demais da mesma abaixo assignados se procedeu a contas da receita e despeza da Santa Casa da Misericórdia desta Villa, etc...*

*Acharão q. havião despendido pello q. deu ao nosso Irmão José Dias Picão p.<sup>a</sup> pagar a José Gomes Corr.<sup>a</sup> servente do Santíssimo de S. Pedro a despeza da cêra p.<sup>a</sup> o funeral e sufragio do justicado nesta Villa Ant.<sup>o</sup> Glz. Pegueira, da Cid.<sup>e</sup> de Castello Branco, sold.<sup>o</sup> do B.<sup>am</sup> de Cassadores N.<sup>o</sup> 5 q o foi em dia de quarta feira 12 de Maio de 1813 no sitio de Santairia, no caminho da Timpeira, suburbios da mesma Villa — dez mil e noventa reis.*

*Acharão que havião despendido pelo q. se deu ao dito nosso Irmão p.<sup>a</sup> pagar a despeza do mesmo justicado emquanto esteve no Oratorio, e dos preparos p.<sup>a</sup> o suplicio athé abrir a cova — dous mil e quinhentos e noventa reis.*

*Acharão q. havião despendido pello q se deu ao nosso Irmao Ant.<sup>o</sup> Caetano Relvas p.<sup>a</sup> pagar o Oficio, Missas e mais sufragios no dia do mesmo Oficio pella alma do ditto justicado — quinze mil e sete centos e noventa reis.*

*Acharão q. havião despendido com quem conduziu os bancos p.<sup>a</sup> o ditto justicado cento e vinte reis.*

*E por esta forma houveram estas contas por tomadas firmes e valiosas, etc...*

Como se vê, a Santa Casa dispendeu, com os preparativos e funeral do Santo Soldado, 18 500 reis [sic; 28 590 reis].

Esta acta da Misericórdia é o único documento da época que se refere ao soldado arcabuzado.

O processo, se existiu, desapareceu no incêndio do Quartel de Caçadores 3, em 21 de Novembro de 1837.

\*

Comemorando o aniversário da morte do Santo Soldado, escrevia o jornal «O Vilarealense», de 16 de Maio de 1895 [sic; no jornal desta data não aparece esta notícia], o seguinte:

«Fez no domingo, 12 de Maio, 82 anos que em Vila Real, ali para os lados de Santo António, adiante uns passos, foi inocentemente arcabuzado o soldado, cujas cinzas estão enterradas na Capela da Misericórdia. A campa do mártir está sempre ladeada de luzes e flores. Os fieis ajoelham e oram, invocando a memória do soldado morto, a quem atribuem espírito de santidade».

«Junto da referida campa caem avultadas esmolas, que se destinam a erguer, ali mesmo, um monumento ao infeliz, vítima da injustiça humana».

«Ao recordar o triste acontecimento, que enlutara a vila de D. Diniz, manchada pelo sangue de um homem sem culpas, sangue vertido apenas para saciar crueis instintos e vinganças, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia manda cantar uma missa em sufrágio da alma do desgraçado, a quem mataram precisamente quando lhe chegava o perdão!».

Júlio A. Teixeira, *Da Terra de Panoyas — História, Lendas e Milagres*, Vila Real, 1946, pp. 113 a 121.

## O Santo Soldado

FORASTEIRO amigo, se gostas de ouvir contar coisas do passado, vem daí.

Vamos juntos, se o coração te permite, subir a ladeiro do Calvário e de passagem ver o casario de Vila Real e espreguiçar-se e a sorrir ao sol, por aí abaixo num estendal colorido até à Vila Velha, enquanto lá no alto o Marão, no seu vozeirão de sentinela contínua desde há séculos a repetir a lenda deste nobre povo: «Para cá do Marão governam os que cá estão».

Acredita, que é verdade.

Governam, não no que é efêmero e transitório...

É da terra que lhes vem o poder. Da imponência e delicadeza da paisagem que lhes apura o trato, da beleza miraculosa das flores do campo que lhes adoça o coração, da braveza dos fragas que lhes tempera a alma do encanto das lendas e histórias, dos exemplos de lealdade, de coragem e nobreza de carácter de muitos dos de «Trás-da-Serra» que lhes servem de lição...

Bem sei que te custa não demorares um pouco mais a contemplação deste cenário de sonho.

Tem paciência.

Ouve o que nos diz o Marão e tomemos rumo além, àquela capelinha que acolá alveja e que mãos piedosas ergueram em campo de arcabuzados.

Foi há mais de cem anos.

Um soldado, o nome não interessa, que servia o rei no batalhão de Caçadores 3, então aquartelado em Vila Real, nessa famosa unidade da «infantaria negra», como lhe chamou Beresford, foi acusado de sacrilégio. Havia ofendido Deus e a lei dos homens, roubando do sacrário da Igreja de S. Francisco um cálice de ouro. As



leis eram inexoráveis. Conselho de guerra, e pena última; o arcabuz.

O bom soldado bem sabia o nome do autor do roubo, porque este o havia procurado para lhe pedir conselho, talvez aflito pela devassa a que se ia proceder entre os do batalhão. Sabia também que acusado como estava, seria arcabuzado; mas antes mil mortes que praticar o crime de denúncia.

Alguém por maldade, possivelmente o mesmo companheiro que lhe confessara o roubo, havia colocado o cálice comprometedor entre as dobras do mochila; mas que importava tão vil acção se o seu dever seria calar!

— Meu pai, estou inocente — dizia o filho momentos antes do julgamento abraçado ao velho.

— Porque não dizes, já que o sabes, o nome do ladrão, que além de roubar te comprometeu?

— Nunca! — respondeu-lhe o filho já a encarar de frente os austeros oficiais que o haviam de julgar.

O pai correu a Lisboa a implorar perdão, enquanto o condenado, no negrume do cárcere aguardava o dia da execução da pena.

Fez precisamente há um mês, dia 12 de Maio, 136 anos que neste campo, onde as flores silvestres sorriam por entre as urzes ao raiar da alva, a população da Vila aguardava, ansiosa, a chegada do condenado inocente.

Estava ali, não para gosar o terrível espectáculo, mas para pedir perdão para o desgraçado.

Sabia-se que o militar disciplinado, o homem leal, não cometera o crime de que fora acusado.

Era a voz do povo...

Passavam-se as horas.

No quartel, o capelão, esforçava-se por evitar a hora da execução, pedindo com lágrimas nos olhos que aguardassem a chegada do pai, que não havia de tardar com o almejado indulto. Mas a lei era superior à vontade dos homens.

A esperança do povo que via na demora um bom prenúncio de salvação, em breve se desvaneceu ao ouvir a marcha cadenciado do pelotão que se aproximava.

— Tens alguma coisa a dizer? — perguntou o oficial executor.

— Tenho: Não fui eu que roubei o cálice. Não sou ladrão, nem hereje.

O povo chorava e os soldados que conheciam o aprumo moral do companheiro e que o julgavam incapaz de tal acção não podiam conter as lágrimas que lhes saltavam aos olhos.

Perfilados, teriam que obedecer à voz do comando.

Mais uns momentos e uma descarga fez tombar o mártir.

Os irmãos da Misericórdia aproximaram-se do corpo do inocente justicado para o levar à sepultura da Igreja.

Só uma bala atingiu o arcabuzado.

O pai do soldado honrado, que preferiu a morte a revelar o nome dum mau camarada, chegava minutos depois com o perdão para o filho.

Já o cortejo fúnebre iniciara a marcha entre o povo assombrado com a revelação dos irmãos da Misericórdia.

Só uma bala atingira o corpo do soldado.

— A do ladrão! A do ladrão! — murmuravam todos entre lágrimas de ódio e de dor.

De nada valeram ao pobre velho gastos e canseiras para salvar o filho. Mas o povo, esse, salvou-o da infâmia e do esquecimento.

Tomou conta do seu sacrifício e ergueu-lhe um altar onde o colocou como santo. E ficou desde então, a ser simplesmente o Santo Soldado. Um santo que não figura no Flos Sanctorum mas que o povo estima e venera.

É um Santo Trasmontano.

A maior honra que o mártir podia ter.

O gesto e martírio do Santo Soldado, ficou então na memória do povo, a transmitir-se de filhos a netos, de geração em geração,

como um incitamento ao culto dos ideais de Justiça e Solidariedade humana.

Eis o que te queria contar do passado, forasteiro amigo, e diz-me se com estes exemplos aprendidos no berço, não continuas a ouvir de quebrada em quebrada o eco altivo da gente de Trás-os-Montes — «Para cá do Marão governam os que cá estão».

Mais lá em baixo, no entroncamento das estradas colocaram umas «alminhas».

Três homens, que representam a lei e entre os quais se esconde um assassino, de arma à cara a arcabuzar um soldado que de mãos postas e olhos vendados espera, de joelhos, resignado, a paga da sua lealdade.

É simples, comovedor e humano. Dum lado a força do mal que não recua perante a mais vil das acções, do outro o poder imperativo do Bem que não receia a morte a troco da tranquilidade da consciência.

E por hoje... já chega.

Voltemos de novo a Vila Real na paz desta tarde maravilhosa e se és crente lembra-te do pedido ingénuo gravado nas «alminhas» de pedra: «Orai por nós».

Otílio Figueiredo, “Para um roteiro de Vila Real. O Santo Soldado” in *Aqui Vila Real*, Vila Real, Junho de 1949, pp. 1 e 13.

## O Santo arcabuzado

QUEM passou alguns dias na cidade de D. Dinis — a linda Vila Real — terá ouvido com certeza falar num santo com um nome esquisito, o qual tem uma capela pequenina junto à estrada da Timpeira, no lugar de Santa Iria, um pouco adiante da Capela de Santo António e da Igreja do Calvário. Para dentro dessa capela, através o gradeamento, o povo ainda hoje atira as suas esmolas, dizendo esta jaculatória: *Santo arcabuzado, livrai-me das maleitas.*

Vivi naquela formosa terra alguns anos seguidos, e logo nos primeiros tempos, ouvi falar no tal *santo arcabuzado*.

Tratei de investigar que qualidade de santo seria aquele com um nome tão singular e, sem perguntar a ninguém a razão dele, puz-me um dia a caminho da pequena capela para verificar se haveria na dita ermida algum santo à veneração dos fiéis, e para ver a forma como o artista tinha representado um santo fusilado!

Sim, todos sabem o sinónimo de arcabuz, que vem a ser o bacamarte, esse espingardão antigo de pequenas dimensões, terminando em boca de sino, com o fim de espalhar bem os zagalotes e pedaços de ferro metidos no cano, reforçado com argolas de ferro. Era a arma predilecta dos quadrilheiros do Zé do Telhado.

Cheguei à capelinha e espreitei para dentro através as grades. As paredes nuas não tinham imagem de qualidade nenhuma. Só no fundo, em frente à porta, havia um quadro grande, muito mal pintado, onde se via um homem de olhos vendados e em frente dele um pelotão de soldados a apontar as espingardas ao peito do desgraçado. Alguns arcabuzes até tinham fumo nas bocarras — sinal certo que já tinha saído a metralha, mas o homem não caíra! Devia ser um valente, o tal arcabuzado, para não tombar à primeira descarga!

São coisas de pintores, artistas da última hora, tão peritos como eu!

Perto da capela andava uma velhinha encarquilhada, pobrememente vestida, a apanhar gravetos para fazer o caldo.

Como não via mais ninguém, dirigi-me a ela e, depois de a saudar, perguntei-lhe se me sabia contar a história do *santo arcabuzado*.

A mulhersinha olhou para mim muito pasmada, encolheu os ombros e respondeu a gracejar:

— Meu senhor, eu vim para aqui dum certa idade, pois sou lá dos lados de Bragança, e só lhe sei dizer que é muito grande e faz muitos milagres.

— Ele já lhe fez algum milagre? — perguntei com sorriso incrédulo.

— Pois fez, senhor abade, e foi um milagre muito grande. Olhe, andava com umas maleitas terças, que nem médicos, nem mulheres de virtude, nem ninguém se atrevia com elas. Vai eu, peguei-me com o *santo arcabuzado*, e foram-se embora dum dia para o outro!...

Retirei-me depressa para não escandalisar com uma gargalhada a pobre mulher, que na sua fé simples misturava os santos com bruxos e mulheres de virtude.

Durante algum tempo procurei averiguar o que haveria de verdade sobre esse santo, canonizado pelo povo, fusilado inocentemente e vítima dum erro jurídico militar. Daí essa áurea com que cercaram o pobre soldado, arcabuzado, segundo documentos conservados na Misericórdia, a 12 de Maio de 1813.

Segundo a tradição, o tal soldado foi condenado por ter assaltado e roubado uma igreja nos arredores de Vila Real. Mais tarde, comprovou-se ter sido roubada por outro.

Se existissem no arquivo militar os documentos, livros e processos, seria interessante tirar um resumo de todo o processo-crime. Mas tudo desapareceu no incêndio do convento de S. Domingos, em 1850, onde estava instalado o quartel. Consta que

o incêndio foi provocado criminosamente por um major qualquer, afim de encobrir grossa roubalheira. Juntamente ardeu a igreja. Eu ainda conheci parte das ruínas.

Se fosse verdade tudo quanto me disseram, haveria assunto para um grosso romance dos mais emocionantes. O corpo do executado foi enterrado na igreja da Misericórdia de Vila Real, onde começaram a afluir os fiéis a pedir graças e a depositar sobre a campa muitas esmolas. Com o seu produto levantaram, a pequena ermida, ainda hoje existente.

Há poucos anos o jornal «Vilarealense» publicou com o título de «Papéis velhos» o seguinte:

### **Quanto se gastou com o funeral do Santo Soldado, arcabuzado em Vila Real em Maio de 1813?**

«Cópia textual, encontrada nos arquivos da Misericórdia:

Acharam que haviam dispendido com o sacristão, coveiro, vinho e hostias, 2\$400 reis. [sic; despesa não respeitante ao funeral]

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu ao Nosso Irmão José Dias, para pagar a José Gomes de Carvalho, servente do Santíssimo de S. Pedro, a despeza da cera para officio e funeral e sufrágios do justicado nesta Vila — António Gonçalves Pegueira — da cidade de Castelo Branco, soldado do batalhão de Caçadores n.º 3 [sic; n.º 5], que foi em dia quarta-feira de 12 de maio de 1813, no sítio da Santa Iria, caminho da Timpeira, subúrbios da mesma Vila, — 10\$090 reis.

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu ao Nosso Irmão para pagar a despeza do mesmo justicado, enquanto esteve no Oratório a dar preparos para suplício e abrir a cova, 2\$590 reis.

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu ao Nosso Irmão António Caetano Relvas para pagar o officio, missas e mais sufrágios no dia do mesmo officio pela Alma do dito justicado, 15\$790 reis.

Acharam que haviam dispendido pelo que se deu a José Pereira Nicho, por 16 círios [sic; vidros] e bitume para os mesmos, situados nas frentes [sic; frestas] e janelas da casa de despacho e sacristia, 4\$000 reis. [sic; despesa não respeitante ao funeral]

Finalmente, acharam que haviam dispendido com aluguer de bancos para o officio do justicado, 120 reis.

Gastaram-se ao todo, trinta e cinco mil reis com um tostão.»

Quando eu vivi em Vila Real, os grandes devotos do *santo arcabuzado* eram os feirantes, que ao passarem em frente à grade atiravam sempre dez centavos com o fim de lhe correr bem o negócio!...

P[adre] Alberto T. Carvalho, “O Santo arcabuzado” in *Almanaque de S.<sup>to</sup> António. 1950*, Braga, 1949, pp. 66 a 68.

## O Santo Soldado

O SANTO SOLDADO — Existe na Igreja da Misericórdia uma sepultura de José Custódio, fusilado, ao que o povo diz, inocentemente, em 12 de Maio de 1813.

Este José Custódio prestava serviço, como soldado, no Regimento de Vila Real quando foi acusado dum roubo sacrílego, em virtude de na sua muchila ter sido encontrado um cálice de ouro roubado numa igreja local. Julgado em tribunal militar, foi condenado à morte, executado a arcabus, no lugar hoje denominado o *Arcabuso*, em virtude deste acontecimento.

Diz ainda a tradição que tendo o pai do soldado José Custódio solicitado o perdão do rei para seu filho, aquele era portador do indulto régio, quando ao chegar à Ponte do Sordo ouviu a descarga das espingardas do pelotão que o fusilou. Logo teve o pressentimento que chegava tarde de mais. Pois José Custódio, embora tivesse jurado até morrer a sua inocência, jazia para sempre morto.

Este acontecimento abalou tão profundamente a gente da cidade que logo o passou a venerar como «Santo Soldado», e a invocá-lo nas suas necessidades e aflições. E esta fé mais aumentou ainda quando, tempos depois, um outro soldado confessou ter sido ele o autor do roubo.

Não obstante há quem afirme que a verdadeira versão é bem diferente desta. O roubo do cálice teria sido perpetrado por Pedro «o negro», criado dum moleiro da Insua, que o escondeu num buraco, ainda hoje considerado «o buraco sagrado», em consequência do qual foi executado no Monte da Forca.

Quanto ao Santo Soldado o seu crime seria de natureza militar e, por tal, condenado. A Misericórdia na sua acção de socorrer os infelizes, sepultou-o na igreja, como era hábito ao tempo. Até que a



crença nos seus milagres se foi radicando entre os habitantes de Vila Real, fervorosamente crentes na santidade do «Santo Soldado».

Correia de Azevedo, *Vila Real de Trás-os-Montes*, Vila Real, 1970, pp. 295 e 296.

## [SANTO SOLDADO]

[...]

NOTA — As três invasões francesas foram uma verdadeira Invasão dos Bárbaros. Os franceses enviaram-nos, primeiro, ideias, algumas aproveitáveis, outras erradas, delirantes. E enviaram-nos, depois, numerosos exércitos que, sem escrúpulos, cometeram as maiores atrocidades. [...]

Muitos foram os vila-realenses que lutaram contra as hordas que vieram da França. Alguns atingiram os mais altos postos militares. Queremos de alguma maneira representá-los a todos nas duas figuras que vão passar diante dos nossos olhos. Francisco da Silveira Pinto da Fonseca é a coragem, o destemor, a lealdade, a fidelidade. O adolescente Afonso Botelho de S. Paio e Sousa é a pressa generosa e entusiasta que não retrocede diante das maiores dificuldades. Os soldados e os populares são a força que vem de dentro, irreprimível, quando soa a hora de lutar contra os bárbaros que nos querem roubar a nossa terra e a nossa alma.

A figura do SANTO SOLDADO está ainda, felizmente, na memória, e na devoção, dos vila-realenses. Mais uma vítima dos bárbaros que vieram da França...

*S/autor, Programa do Cortejo Histórico. VII Centenário do Foral de Vila Real — 1272-1972, Vila Real, 1972, p. 25.*

## Qual o verdadeiro nome do “SANTO SOLDADO”?

Eis a pergunta que de Lisboa nos formula o prezado leitor Senhor José Ferreira, pessoa culta e atenta que a Vila Real consagra a mais profunda amizade.

Diz-nos ele, e com razão, que na **Grande Encicl. Portuguesa e Bras.** (35.º volume) se afirma:

«**Está nela sepultado** (na igreja da Misericórdia) o **chamado Santo Soldado** (José Custódio), **fuzilado, inocentemente**, em 12-5-1813, **tendo-o o povo tomado e venerado logo na conta de Santo...**»

Ora, no concurso «**Figuras e Factos de Vila Real**» é-lhe atribuído o nome seguinte: — ANTÓNIO GONÇALVES PEGUEIRO.

Como justificar esta discrepância?...

— Para já, podemos apenas afirmar que nos limitámos a transcrever o que outros disseram, e não propriamente a fazer história por nossa conta e risco.

Mesmo assim, surgem gralhas: Haja em vista esta de menor importância, mas que é sempre uma gralha: — «PEGUEIRO» em vez de «**Pegueira**», como se pode ler no livro do Dr. **Júlio Teixeira**: — **DA TERRA DE PANOYAS**:

«A título de curiosidade damos a seguir uma cópia da acta da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real que se refere a este assunto:

MEZA DO DIA 6 DO MEZ DE JUNHO DE 1813

*Aos seis dias do mez de Junho de mil oitocentos e treze, estando em Meza o nosso Irmão Provedor Franc.º Corr.ª Teix.ª do Amaral...*

*...Acharão q. haviam dispendido p. funeral e sufragio do*

*justiçado nesta Villa Ant.º Glz. Pegueira, da Cid.º de Castello Branco, soldad.º do B.º de Cassadores N.º 5 que o foi em dia de quarta feira 12 de Maio de 1813 no sitio de Santairia, no caminho da Timpeira, suburbios da mesma Villa - dez mil e noventa reis.*

Esta acta da Misericórdia é o único documento da época que se refere ao soldado arcabuzado.

O processo, se existiu, desapareceu no incêndio do Quartel de Caçadores 3, em 21 de Novembro de 1837.»

Perguntamos nós também:

Onde iria o colaborador da dita enciclopédia arranjar o nome de José Custódio para o santo soldado António Gonçalves Pegueira?

O certo é que ultimamente o **Guia de Portugal** regista esse mesmo nome!

Seria colhido «ex auditu» da tradição local?...

E como justificar essa tradição?... Dar-se-ia o caso de o santo soldado se chamar, por hipótese, António (José Custódio) Gonçalves Pegueira, e a acta necrológica ter sido omissa?...

Não é provável, tanto mais que abunda em pormenores, e foi lavrada antes do trigésimo dia: Tudo muito recente e numa atmosfera de impressionante tragédia!...

Outra conjectura:

Dado que através dos tempos tem havido na edícula do Arcabuzado, (e mesmo ao lado da via pública) quadros relativos ao fuzilamento do «santo soldado», não poderia a assinatura do pintor ou o nome de qualquer devoto, reconhecido, ter motivado o «qui pro quo»?...

Responda quem souber.

[...]

P[adre] [Ângelo do Carmo] Minhava, “Qual o verdadeiro nome do «Santo Soldado»?” in *A Voz de Trás-os-Montes* (de data que não foi possível apurar), Vila Real.

## Lenda do Santo Soldado

Em Vila Real, há 180 anos, foi arcabuzado um soldado do Batalhão de Caçadores nº 5 no lugar de Santa Iria, e a quem o povo erigiu, mais tarde, uma capelinha que é conhecida por Capela do Santo Soldado.

Ainda me lembro, quando eu era aluno da Escola Primária Conde Ferreira, mais conhecida por “Escola do Trem”, ouvir o meu avô materno contar a lenda que o povo vila-realense foi transmitindo, através dos tempos, de pais para filhos.

Quando das invasões francesas, o Quartel General ficava situado ao cimo do Campo do Tabolado (hoje Avenida Carvalho Araújo), precisamente no local onde foi construído o actual Palácio da Justiça, e nele encontrava-se aquartelado um Batalhão de Caçadores nº 5, de Castelo Branco.

Um certo dia, pela manhã, o pároco da Igreja do Convento de S. Francisco, quando se preparava para rezar a Missa, verificou que o cálice sagrado fora roubado. Sem perda de tempo, alertou as autoridades da Vila, as quais deram imediatamente início às investigações.

Nos dias que se seguiram, deu-se um episódio bastante curioso e que para o povo não era mais do que um mistério.

Na entrada para a Vila Velha, do lado poente, conhecida então por **porta franca**,<sup>1</sup> os machos e os cavalos dos moleiros da Ínsua atiravam-se para o chão. Só depois de muito vergastados pelos donos é que decidiam levantar-se e continuar a andar. E este fenómeno estranho, que ia passando de boca em boca, trazia o povo intrigado.

---

<sup>1</sup> Assim chamada por ser a única porta das muralhas que ficava aberta durante a noite e que permitia a entrada na Vila aos viajantes retardatários.

Iremos ver, mais adiante, a relação deste “mistério” com o já citado roubo do cálice sagrado da Igreja de S. Francisco.

Entretanto, as autoridades da Vila, ao serem informadas que na véspera do dia em que foi participado o roubo, à noite, tinham sido vistos alguns soldados nas proximidades do Convento de S. Francisco, decidiram requerer uma busca nas casernas do Quartel General.

Foi durante essa revista que o cálice foi encontrado, com espanto geral, na mochila de um soldado que era considerado, por todos os seus superiores e companheiros, um exemplo de disciplina, humildade e camaradagem, isto é, um rapaz com um excelente e nobre carácter.

Ao ser julgado em Conselho de Guerra, o infeliz soldado afirmou sempre a sua inocência e que não sabia como o cálice fora parar à sua mochila. Mas não havia outras provas e a sentença foi a de ser arcabuzado no dia 12 de Maio de 1813, no sítio de Santa Iria, junto ao caminho para a Timpeira.

E assim sucedeu na data marcada.

Entretanto, o pai do infeliz soldado, crendo na inocência do filho, deslocou-se a Lisboa com o fim de pedir perdão ao Governo da Regência, o que conseguiu. Mas, já de regresso, ao chegar ao lugar de Almodena, ouviu ainda os tiros do pelotão de fuzilamento, ao mesmo tempo que o seu cavalo rebentava de cansaço de tanto galopar.

O infeliz e desesperado pai teve logo o pressentimento de que o seu filho já estava morto e que o perdão governamental chegava tarde demais.

Quando vestiam o cadáver para o funeral, verificou-se, com espanto, que só um tiro tinha atingido o peito do condenado. Deduziu-se, então, que apenas um dos soldados do pelotão de fuzilamento (talvez o verdadeiro culpado pelo roubo) acertara no alvo e que os outros tinham errado a pontaria, propositadamente,

com pena do infeliz companheiro.

O funeral do arcabuzado foi realizado para a Igreja da Misericórdia, onde se encontra o sepultado, a cargo dos Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real.

Eis que, passados poucos dias, surge um soldado conhecido pela alcunha de “Preto”, movido por intensos remorsos, a confessar que fora ele o autor do roubo do cálice e que o tinha escondido num buraco do muro na “porta franca”. E que, ao saber do que se estava a passar com os cavalos dos moleiros, o tinha ido buscar e, em seguida, colocado na mochila do colega que veio a ser arcabuzado.

Supõe-se ter sido por isso que esse lugar da Vila Velha é, desde há muitos anos, conhecido por “Buraco Sagrado”.

O “Preto” foi julgado e condenado a enforcamento no monte que o povo de Vila Real conhece por “Monte da Forca”.

E os vila-realenses mais piedosos começaram a chamar “Santo Soldado” ao militar inocentemente arcabuzado, crendo que, todas as orações que lhe dirigiam, eram escutadas. Acendiam-lhe velas de cera na sua sepultura, na Igreja da Misericórdia, e, em 1854, erigiram-lhe a capelinha que é conhecida por **Capela do Santo Soldado**, no próprio lugar onde foi arcabuzado.

É esta a lenda que ouvi atenta e interessadamente, há mais de quarenta anos, contada pelo meu avô.

No entanto, para alguns a condenação à morte do referido soldado ficou a dever-se a deserção e não ao roubo de um cálice sagrado, sendo dessa opinião **Camilo Castelo Branco**, ao referir-se a esse acontecimento no seu romance “O Esqueleto”: — “A francesa, quando ia a caminho do Vidago, pernitoiu em Vila Real. Ao arraiar a manhã, cavalgou, e fora da Vila, numa esplanada de monte, chamado o “Arcabuzado”, parou a examinar um mau retábulo, em que um pincel de 1811 contava à posteridade o caso triste do espingardeamento de um soldado desertor, cinco minutos antes de chegar de Lisboa o pai do padecente com o perdão da

junta governativa. Este infausto sucesso contou-lho, em frente do painel, um mancebo, que desde a hospedaria a seguira, sobre o seu irrequieto cavalo.”

Não deixa de ser interessante esta referência feita por Camilo ao soldado arcabuzado, apesar de afirmar que o retábulo relativo à sua morte fora pintado em 1811, quando só o poderia ter sido após 1813. Uma imprecisão na data que é desculpável.

Mas, se a maioria dos habitantes de Vila Real, durante gerações, têm considerado esse soldado arcabuzado como um santo, por estar inocente e em vida ter sido um exemplo de bondade, também houve quem manifestasse as suas dúvidas e não acreditasse em tal santidade como, por exemplo, o autor anónimo de um artigo publicado no semanário vila-realense **O Povo do Norte**, em 21 de Julho de 1912, com o título “O Santo Soldado de Vila Real”.

Eis a opinião do referido articulista, que se subscreve com um simples X.:

“Quando aqui estacionaram as forças do comando do Beresford, foi, pelo crime de deserção, arcabuzado um pobre soldado, na esplanada do monte, hoje propriedade do comendador Barros, nas proximidades do paiol.

O nosso povo, como o de toda a parte, sempre disposto à compaixão por aqueles que sofrem, criou-lhe a lenda de um mártir, e sem que fosse necessária a reunião do sacro colégio de Roma, o colocou na lista dos bem-aventurados.

Por muitos anos existiu no lugar onde se diz ter sido feita a execução, um alpendre de madeira, que acobertava uma cruz tosca, a que estava preso um quadro representativo do suplício, com a legenda seguinte, que aqui se transcreve **ipsis verbis** e com a própria, dela, ortografia:



Ó vós que ides paçando,  
Reparai por piadade,  
Que o pinzel só pinta  
Disgracias da omanidade!

---

Este supliciado a quem o povo conferiu a dignidade de Santo, parece que não tem sido bafejado pelas benéficas auras que têm dado, quase mundial, reputação a outros bem-aventurados, pois, passado mais de um século, ainda em sua honra não foi erigido monumento que chame a atenção, além da modesta ermida das proximidades do suplício, uma lápide junto da Fonte do Entroncamento das estradas de Chaves e Bragança e agora a grade e epitáfio da hipotética sepultura na capela da Misericórdia.”

Conclui-se, pois, que o senhor X. duvidava que o soldado arcabuzado em 12 de Maio de 1813 tenha sido um mártir, chegando ao ponto de desdenhar da fé que o povo vila-realense sempre lhe devotou, terminando o seu artigo, ironicamente com a seguinte frase:

— “No povo ainda não arrefeceu a fé nem a vontade de folgar...”

É chegado o momento de nos debruçarmos sobre o nome e a naturalidade desse soldado que o povo de Vila Real sempre considerou santo, desde o dia da sua morte.

Começo por esclarecer que, neste ponto, também há grande divergência de opiniões entre o povo e os historiadores.

Na capelinha, sita no lugar do Arcabuzado, pode ler-se em um dos seus quadros:

## **José Custódio**

(O SANTO SOLDADO)

**Natural de S. Pedro-o-Velho, concelho de Mirandela.  
Foi inocentemente arcabuzado em 12 de Maio de 1813.  
Considerando-o Santo, o povo a ele recorre nas  
suas aflições, sem esperar o beneplácito de Roma.**

**Bandeira de Tóro**, na sua edição A HORA dedicada a “O Concelho de Vila Real”, 1943, ao referir-se à Igreja da Misericórdia diz-nos o seguinte:

—“(…) Na mesma igreja, está sepultado o Santo Soldado José Custódio, que foi inocentemente arcabuzado e 12 de Maio de 1813, e a quem o povo, sem esperar pela sanção de Roma, elevou à dignidade de Santo, valendo-se da sua intercessão nas suas aflições.”

Mas já não é da mesma opinião o **Dr. Júlio A. Teixeira**, quando se refere ao “Santo Soldado”, na sua obra “Da Terra de Panoyas” (1946). Diz-nos o insigne historiador vila-realense:

“(…) Era necessário descobrir o ladrão a bem da Santa Religião e lavar a mancha que pesava sobre os soldados. O Comandante do Destacamento deu ordens rápidas de revista geral a toda a sua tropa. Ao toque do clarim os soldados foram às casernas, equiparam-se conforme o regulamento e aprontaram-se para a parada. Tudo no Quartel foi remexido. Os soldados foram revistados depois. Com espanto o cálix foi encontrado na mochila do soldado António Gonçalves Pegueira, natural de Castelo Branco, que imediatamente recebeu ordem de prisão do comandante.” E mais adiante o Dr. Júlio Teixeira esclarece: — “Para o povo de Vila Real o soldado António Pegueira não foi o ladrão e morreu inocentemente. (...) Tal volume atingiu a crença sobre a sua inocência que no fim desse ano de 1813 se organizou uma comissão para angariar donativos e com o dinheiro construir um mausoleu, com grades, dentro da Igreja da Misericórdia. As grades foram tiradas, ainda há pouco tempo, por

estorvarem a permanência dos fiéis nos officios divinos. Ainda hoje se lê o epitáfio da campa que diz o seguinte:

**Aqui jaz o Santo Soldado José Custódio  
inocentemente arcabuzado em 12 de Maio de 1813.**

O Dr. Júlio Teixeira transcreve também parte da acta da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real, que se refere a este assunto, com a data de 6 de Junho de 1813.

Seguindo a pista do illustre médico vila-realense, verifiquei a referida acta no “Livro de Actas de Receita e Despesa da Santa Casa da Misericórdia — 1808 a 1814”, folhas 153 a 155<sup>2</sup>, que nos diz:

*Meza do dia 6 do mez de Junho de 1813*

*Aos seis do mez de Junho de mil oito centos e treze annos, estando em Meza o Nosso Irmão Provedor Fran.co Corr.a Teix.a Pinto do Amaral com os mais da mesma abaixo assignados se procedeu a contas de receita e dispeza da Sancta Casa da Mesericordia desta Villa, (...).*

.....

*Dispeza*

*Acharão q. havião dispendido com o Sacristão Coveiro Vinho e Hostias dous mil e quatro centos r.<sup>s</sup>... [sic; despesa não respeitante ao funeral]*

*Acharão q. havião dispendido pello q. deu ao nosso Irmão José Dias Picão p.a pagar a José Gomes Corr.a Servente do Santissimo de S. Pedro a dispeza de Sêra p.<sup>a</sup> o funeral e Suffragios do justissado nesta Villa Ant.<sup>o</sup> Glz. Pegueira da Cid.<sup>e</sup> de Castelo Branco, sold.<sup>o</sup> do B.<sup>am</sup> de Cassadores N. 5 q. foi o em dia de quarta feira 12 de Maio*

<sup>2</sup> Livro catalogado com o n.º 978, no Arquivo Distrital de Vila Real.

*de 1813 no Sitio da Santairia caminho da Timpeira suburbios da mesma Villa des mil e noventa r.<sup>s</sup>...*

*Acharão q. havião dispendido pelo q. se deu o d.<sup>o</sup> Nosso Irmão p.<sup>a</sup> pagar a dispeza do mesmo justissado emqt.<sup>o</sup> esteve no Oratorio, e dos preparos p.<sup>a</sup> o Suplicio, e athé abrir a Cova dous mil e quinhentos e noventa r.<sup>s</sup>...*

*Acharão que havião dispendido pello q. se deu ao Nosso Irmão Ant.<sup>o</sup> Caetano Relvas p.<sup>a</sup> pagar o Officio, Missas e mais Suffragios no dia do mesmo Officio pella Alma do ditto justissado quinze mil sete centos e noventa r.<sup>s</sup>...*

*Acharão q. havião dispendido com quem conduziu os Bancos p.<sup>a</sup> o Off. o do justissado cento e vinte r.<sup>s</sup>...*

.....

*E por esta forma houverão estas contas tomadas, firmes, valiosas e aprovadas, e a presente acta da Meza por finda, e Signarão com o dito Thisoreiro e comigo (...).*

Não nos ficam dúvidas de que o verdadeiro nome do “Santo Soldado” é António Gonçalves Pegueira e que a terra da sua naturalidade foi Castelo Branco.

Relativamente à sua sepultura, consultando o “Livro da distribuição das sepulturas da Igreja da Misericórdia”, fl. 45<sup>3</sup>, pode ler-se textualmente:

*— Na outava Fiada a sepoltura N. 54 he desta Santa Casa está emterrado hum soldado Casador N. 5 que Moreu aquabruzado em dia doze do mes de Maio de 1813.*

Constitui, pois, um enigma o nome José Custódio que o povo

---

<sup>3</sup> Livro catalogado com o n.º 945, no mesmo Arquivo.

atribuiu ao “Santo Soldado”, assim como ter considerado a localidade de S. Pedro-o-Velho (Mirandela) a terra da sua naturalidade.

Tal facto leva-nos a pôr a **hipótese** de terem sido arcabuzados dois soldados no mesmo lugar de Santa Iria, um por deserção em 1811 — apoiando-nos na versão de Camilo Castelo Branco, em “O Esqueleto” — e outro por roubo em 1813, tendo o povo, posteriormente, confundindo os nomes dos dois condenados.

Lourenço Camilo Costa, “Lenda do Santo Soldado” in *Tellus*, n.º 21, Vila Real, Outubro de 1993, pp. 67 a 74.

## O Santo Soldado

Chega a ser tocante ver como o povo anónimo vila-realense continua a pôr tanta fé na intercessão de um a quem chama santo, sem que Roma tenha alguma vez sido tida nem achada na sua canonização. Refiro-me ao Santo Soldado, que se venera na sua humilde capelinha sita no lugar que recebeu em sua memória o nome de Arcabuzado, referência ao caso dramático ocorrido em Vila Real em 1813. O povo prescinde pois da confirmação de Roma, para orar diariamente ao Santo Soldado e pedir-lhe graças. Basta passar pela dita capela e ver como, entrelaçadas no gradeamento da porta, continuam a aparecer flores e, na soleira, restos de cera que ali ardeu em cumprimento de promessas.

A história digna de lamento do Santo Soldado deve ter impressionado vivamente a imaginação popular, muito sensível a estes casos-limites em que uma vida se perde ou se ganha por uma unha negra. No caso, a vida perdeu-se: o soldado António Gonçalves Pegueira, injustamente acusado de furto do cálice da Igreja de São Francisco (de que a garagem hoje existente em seu lugar não guarda a memória nem a dignidade), foi arcabuzado momentos antes de chegar o perdão real, trazido em mão pelo próprio pai. E é esta negaça da sorte, conjugada com a injustiça do espingardeamento, que impressiona o povo e, no caso, ajudou a fazer do justificado um santo.

Camilo Castelo Branco, com a leveza e sem-cerimónia com que introduz na traça romanesca das suas obras pequenos fiapos da vida real, dá uma versão muito insatisfatória do caso, na novela *O Esqueleto*. Situa-o em 1811 e apresenta como motivo do fuzilamento uma simples deserção. Mais: expurga a história de qualquer referência a santidades. Coisas de Camilo. Porque *O Esqueleto* é uma

novela que aparece em folhetins em 1864 e sob a forma de livro em 1865. Poder-se-ia imaginar que então a fama taumatúrgica do Santo Soldado estivesse ainda restrita a meia dúzia de devotos, não tivesse ainda alastrado à comunidade, o que já por si era improvável, dada a sua natureza. Mas não. Nessa altura já lá estava a capela, que data de 1854, o que prova que a fama de santidade já era suficientemente forte para se erigir um templo, por humilde que fosse — e é. Camilo passou apressadamente sobre o caso, como passou sobre tantos outros.

Mas a história anda embrulhada em outras brumas, que o Dr. Lourenço Costa, em artigo recente publicado na revista *Tellus*, se deu ao trabalho de dissipar. O povo atribui o nome de José Custódio e a naturalidade de São Pedro Velho, Mirandela, ao Santo Soldado, quando este foi, sem sombra de dúvida, António Gonçalves Pegueira, natural da cidade de Castelo Branco. Muito provavelmente ter-se-ão dado na mesma altura dois fuzilamentos — um pelo roubo do cálice, outro por deserção (como ecoa em Camilo) — e algum equívoco de identidade se gerou entre os dois sentenciados, facilitado pelo facto de serem ambos estranhos a Vila Real, logo desconhecidos um e outro.

Isto é: António Pegueira foi convertido em José Custódio, e vice-versa. Depois, com o correr do tempo, o povo só reteve o nome do que julgava ter morrido inocente. Nada de espantoso, afinal: a história nacional e universal há-de estar cheia de equívocos destes, em que se confunde a memória do justo com a do pecador.

De qualquer modo, José Custódio é que ficou sendo o Santo Soldado, e é este nome que se lê em alguns ex-votos existentes na capela e na própria pedra tumular, no chão da Igreja da Misericórdia. E é a José Custódio que o povo dirige preces e faz promessas e põe flores e queima cera, numa constância de fé que chega a ser comovedora.

Assim como são comovedoras duas ingénuas telas que se vêem

na capelinha, retratando o momento da execução. Lá se vê, na desolação de uma paisagem ainda então bem rural, o pelotão de fuzilamento disparando sobre o justicado, que dobra os joelhos ao cair varado pelas balas. O resto do regimento e elementos do clero testemunham o drama.

Estas telas são provavelmente o retábulo a que Camilo se refere na obra citada e uma réplica. A segunda foi pintada em 1943 por Fernando Nóbrega, um pintor *naïf* vila-realense que podia ter ido longe, se a vida lhe tivesse consentido pintar quadros em vez de tabuletas, e que muitos dos seus conterrâneos pura e simplesmente ignoram. Acontece-lhe outro tanto como a António Gonçalves Pegueira, o verdadeiro Santo Soldado, que poucos em Vila Real e em Castelo Branco saberão ao certo quem foi.

---

*Esta história do Santo Soldado dava um romance a quem estivesse para aí virado, tivesse fôlego para tanto e não se importasse de ler uns catrapácios da época. O próprio Camilo, que passou por ela tanto de raspão, o que não teria feito daquela matéria-prima! Era só complicar o enredo com uma paixão fatal e correspondida do soldado pela filha do comandante, o qual, para obstar à inclinação da menina, teria forjado provas contra o pobre Pegueira e jurado que lhe havia de beber o sangue pelo próprio cálice roubado... Onde eu já vou! Por pouco, fazia eu o romance. Não ficava de parabéns a literatura portuguesa com isso. Agora se Camilo lhe pegasse... Mas quê, aquele demónio tinha uma imaginação prodigiosa, não lhe minguavam os assuntos e não lhe apeteceu, pronto, fazer daquilo uma novela. Foi pena.*

*Um apontamento ainda sobre Fernando Nóbrega. Ele não precisa das minhas recomendações e oxalás para ser um estimável pintor *naïf*. Basta olhar para a decoração que fez da parede do seu pombal: vê-se da Avenida Marginal, próximo do cruzamento que*



*em tempos se chamou do sinaleiro.*

*Mas, empurrado pela necessidade, Fernando Nóbrega fez de outra casta de pintura o seu modo de vida: pintura de tabuletas. É igualmente nobilitante, mas dá muito menos. E já em 1938 o fazia, conforme leio numa velha factura que ele apresentou à Câmara de 128\$00 (oito dias a 16\$00!), de pintura de tabuletas e dos números dos automóveis que correram no circuito desse ano.*

A. M. Pires Cabral, *Vila Real — Charlas com Apostila*, S/local, 1995, pp. 104 e 105. [Crónica publicada no *Repórter do Marão*, Baião, 19 de Novembro de 1993]

## [Oração ao Santo Soldado]

Foi inocentemente arcabusado em 12 de Maio de 1813 em Vila Real onde se encontra sepultado na Igreja da Misericórdia. Considerando-o santo, o povo a ele recorre nas suas aflições, sem esperar o beneplácito de Roma.

### “Oração”

Em louvor do Santo Soldado,  
que nos livre de todo o mal,  
nasceu em São Pedro Velho,  
morreu em Vila Real.  
Homem morto mau encontro,  
homem vivo livre-nos de mau perigo,  
tenham olhos não nos vejam,  
tenham boca não nos falem,  
tenham braços não nos prendam,  
tenham pernas não nos alcancem.  
Em louvor do Santo Soldado,  
que nos guarde todo o dia,  
um Pai nosso e uma Avé maria.

Texto da oração, da autoria de Mário dos Santos Romano, colocado junto da estátua de José Custódio, *O Santo Soldado*, em São Pedro Velho, Mirandela, inaugurada em 1 de Dezembro de 1997.

## O Santo Soldado

Falta pouco mais de uma década para se completarem 200 anos sobre o dia em que foi arcabuzado no lugar de Santa Iria, caminho da Timpeira, um soldado do Batalhão de Caçadores nº 5. O povo considerou-o inocente e chamou-lhe santo. O próprio governo da Regência lhe perdoou o crime por que foi sentenciado, embora o perdão não tenha chegado a tempo de lhe poupar a vida.

Quando queremos apurar estes factos, encontramos dificuldades insuperáveis. Na época praticamente não havia imprensa e a eventual documentação coeva do assunto foi-se perdendo, pelas mais diversas causas.

Só a título de exemplo, os poucos testemunhos que existem (na própria Capela do Santo Soldado e na Igreja da Misericórdia) referem um nome, José Custódio, de São Pedro-o-Velho, concelho de Mirandela, que tudo leva a crer que não seja o verdadeiro, embora seja o que o povo lhe atribuiu.

Por isso, ninguém se arrisca a escrever a história sem lhe apor a palavra lenda. De facto, este caso tinha todos os condimentos para se transformar numa lenda. E assim se foi construindo uma história que acabou por se confundir com a própria lenda.

Escreveram sobre o assunto, entre outros, Júlio Teixeira, na obra “Da Terra de Panoyas” (1946), e Lourenço Camilo Costa, no jornal “A Voz de Trás-os-Montes” (13 de Maio de 1982) e na revista “Tellus” (nº 21, Outubro de 1993). Este último investigador trouxe um contributo ausente em Júlio Teixeira: a localização da sepultura do militar na Igreja da Misericórdia, que encontrou no “Livro da distribuição das sepulturas da Igreja da Misericórdia”. Júlio Teixeira devia desconhecer este elemento, dado que o não menciona quando se refere à acta da Misericórdia (que diz tratar-se

do único documento da época referente ao soldado arcabuzado) em que se indicam os custos com os preparativos e funeral do soldado António Gonçalves Pegueira, da cidade de Castelo Branco (e não José Custódio).

A confusão entre António Gonçalves Pegueira e José Custódio deve-se possivelmente, como aventa Lourenço Costa, a que terá havido dois fuzilamentos diferentes em datas próximas — um por roubo, outro por deserção — que a imaginação popular terá confundido entre si. O próprio Camilo Castelo Branco, no romance “O Esqueleto”, de 1865, conta brevemente a história do Santo Soldado, dando-o como condenado por desertor no ano de 1811.

O misto de história e lenda pode, na versão mais consensual, resumir-se da seguinte forma:

Quando em 1813 se encontrava em Vila Real um destacamento do Batalhão de Caçadores 5, de Castelo Branco, escalado para o serviço de vigilância na fronteira e defesa de algumas povoações de certa importância, em substituição do Batalhão de Caçadores 3, que também aqui tinha estado aquartelado e nessa altura se encontrava em Espanha, a combater na Guerra Peninsular.

Uma manhã, quando o prior de São Francisco se preparava para rezar a missa na Igreja do Convento, verificou que o sacrário tinha sido violado e faltava o cálice (mais provavelmente, a píxide). Diligência imediatamente junto das autoridades civis. A voz pública acusa algumas praças de Caçadores 5 que haviam sido vistas na noite anterior à descoberta do roubo junto da Quelha de Codessais, próxima do convento. A devassa transita então para o foro militar. Para espanto geral, o cálice é encontrado na mochila do soldado António Gonçalves Pegueira, que imediatamente recebe voz de prisão.

Mas a verdade é que esse soldado tinha uma boa imagem local e o povo recusa-se a acreditar que fosse ele o autor do roubo. É avisado o pai, que vem a Vila Real. Falando com o filho, este declara-lhe a

sua inocência. O pai parte para Lisboa, para obter na corte o perdão.

Entretanto o processo avança nos seus trâmites, o Conselho de Guerra reúne e condena o soldado à morte. A Mesa da Misericórdia, como era hábito, conforta o condenado. Coloca-lhe um oratório na cela. Quando António Pegueira é executado, em 12 de Maio de 1813 (uma quarta-feira), no local que mais tarde ganharia o nome de Arcabuzado, o corpo é entregue à Santa Casa da Misericórdia de Vila Real, sendo sepultado na sua igreja.

Quando o pai voltava de Lisboa com o perdão, já às portas de Vila Real, em Almodena, ouve a descarga e logo tem o pressentimento de que o filho foi morto. Ao mesmo tempo, o seu cavalo rebentava de cansaço.

Ao vestir o cadáver para o enterramento, verifica-se que fora atingido por uma única bala. Logo se levanta a suspeita de que essa bala seria do verdadeiro autor do roubo, que seria pois um dos elementos do pelotão de fuzilamento.

Passados poucos dias, um outro soldado (ou, noutras versões, um ajudante de um moleiro da Ínsua, de alcunha o “Preto”), movido pelos remorsos, confessou o roubo e que tinha escondido o cálice num buraco das muralhas junto à Porta Franca, no lugar hoje chamado Buraco Sagrado, tendo-o posteriormente colocado na mochila de António Gonçalves Pegueira, alarmado pelo facto de que os machos e cavalos dos moleiros da Ínsua se atiravam para o chão ao passarem junto ao esconderijo e só depois de muito fustigados prosseguiam caminho, o que poderia constituir sinal de que o roubo acabaria por ser descoberto.

O “Preto” foi julgado e condenado a ser enforcado no local chamado Monte da Forca.

O povo anónimo de Vila Real acreditou sempre na inocência do arcabuzado e desde muito cedo começou a chamar-lhe santo e a prestar-lhe culto na sepultura (que teve mais tarde um gradeamento que seria posteriormente retirado). Em 1854 foi construída

uma capela no local da execução. (Essa capela foi recentemente restaurada e ligeiramente deslocada.) Aí foi colocada uma pintura que descreve o fuzilamento e uma caixa de esmolas. Esta capela sucedeu a um alpendre de madeira, que cobria uma cruz tosca à qual estava preso o referido quadro, de que, em 1943, seria feita uma réplica pelo pintor amador Fernando Nóbrega.

Também no cruzamento da Timpeira existiu uma memória de tipo alminhas, com uma representação pictórica do acontecimento e uma caixa de esmolas.

Elísio Amaral Neves e A. M. Pires Cabral, *Vila Real — História ao Café*, 2.<sup>a</sup> Edição, revista, Vila Real, 2013, pp. 258 a 260 [1.<sup>a</sup> Edição, Julho de 2008].

## O Arcabuzado e a capelinha do “Santo” Soldado

Sem formação específica nem tampouco conhecimentos adquiridos, por curiosidade ou auto-didactismo, que me permitam abordar de forma erudita ou similar o vasto sector da História e Cultura dos povos, modernamente designado Património Imaterial, no qual se insere, inequivocamente, o tema que encima este “alinhar de palavras”, atrevo-me, todavia, baseado na memória e no sentimento estreme que me percorre em tudo o que diz respeito à minha terra, dissertar sobre este concreto assunto.

Ressalvando as dificuldades reconhecidas pelos estudiosos em discernir entre acontecimentos relatados por via oral — e assim transmitidos através de gerações — e o romanceado à sua volta (Quem conta um conto, acrescenta um ponto!...), há, contudo, narrativas populares com foros de veracidade, que, por isso, não podem ser catalogadas de lendas, estas, sim, baseadas em “sucessos” fantásticos ou inverosímeis.

É o caso, como adiante se verá, da “Lenda” do “Santo” Soldado, cujos eventos vividos num acampamento militar — roubo de uma alfaia religiosa (cálice de ouro), em que o ladrão acochado pelas buscas se desfez do corpo de delito, metendo-o na mochila de um companheiro, que assim “apanhado”, foi condenado à morte e arcabuzado (hoje, dir-se-ia fuzilado, porque, entretanto, o termo arcabuz foi substituído no uso corrente da língua por fuzil, palavra que acabaria também por cair em desuso, mas que “deixou” aquela sua derivada) — ocorreram nos finais do séc. XVIII, no reinado de D. Maria I, portanto há pouco mais de dois séculos.

Chocado com o desfecho do incidente — morte de um inocente —, o povo erigiu no local (frise-se no local) uma singela capelinha em sua memória, em cujo modesto interior sobressaía um painel

representando o pungente arcabuzamento, com a particularidade de o condenado e os executantes da sentença estarem trajados com o uniforme militar da época, registos — capela e pintura —, aliás, que indicam claramente que a sua origem é contemporânea dos acontecimentos, o que não é despiciendo...

Acresce ao que fica dito, em reforço da tese de que se não trata de uma lenda — mera ficção —, sublinhe-se, o facto da narrativa oral referir o nome do arcabuzado — José Custódio — e situar o seu sepultamento na capela da Misericórdia.

E, ainda, o episódio da chegada tardia do perdão régio — motivado, com certeza, pelas movimentações da população de Vila Real em prol do soldado José Custódio —, cujo cavaleiro portador do indulto foi surpreendido pelas detonações que consumaram a injustiça, quando atravessava a ponte sobre o rio Cabril.

Mas mesmo que fosse uma lenda na verdadeira acepção da palavra, o que, repete-se, os registos disponíveis de todo não permitem sustentar, nem assim se justificaria a sonegação/ocultação do painel ilustrativo do arcabuzamento — razão de ser da capelinha —, que constatei em recente visita à “Bila”, que, material e concretamente, perpetuava a tradição e respeitava a memória colectiva de Vila Real e dos vila-realenses, incontestavelmente património imaterial da cidade e do seu termo.

Ademais, note-se, que no conceito memória colectiva/património imaterial cabe também o termo arcabuzado, que, de forma indelével, passou a definir o local dos acontecimentos, e como tal transmitido de geração em geração.

Pena que as sucessivas vereações não tenham tido a sensibilidade cultural nem bairrista para “agarrar” aquela designação de lugar — única, de certeza, em toda a Lusitanidade — e atribuí-la a uma avenida, rua ou praça daquela zona da cidade, garantindo, assim, a perenidade de tão singular topónimo tradicional.

Atendendo à sua génese, é de supor que a capelinha não seja



património da Igreja, pelo que é de crer que os responsáveis pelo abominável acto de lesa-cultura popular sejam as autoridades administrativas, quiçá com “o espírito santo de orelha” de saudosos “aduaneiros da fé”...

Com o propósito da defesa de tudo quanto é genuíno, específico, intrínseco de Vila Real, construído, assimilado, vivido e transmitido através de gerações, apela-se à Edilidade vila-realense para que providencie à reposição do painel lamentavelmente retirado da capelinha do “Santo” Soldado, e que proceda à oficialização do topónimo arcabuzado, em ordem a não se perder parte da nossa memória colectiva.

Despretensiosamente, bem gostaria que este arrazoado despertasse alguma curiosidade aos agentes culturais de Vila Real, por forma a debruçarem-se sobre o assunto ora versado.

Abel José Teixeira Passos, “O Arcabuzado e a capelinha do «Santo» Soldado” in *A Voz de Trás-os-Montes*, Vila Real, 18 de Junho de 2009, p.21.

## Posfácio

Não resistimos, em complemento da selecção de textos desta antologia, a tentar conhecer melhor José Custódio – não ousamos tentar saber quem é –, que a história local consagrou como o 'Santo Soldado'<sup>1</sup>, e os elementos de suporte histórico e literário das histórias, tradições e lendas que o envolvem, deixando à consideração do Leitor a classificação que entenda que melhor se adequa às situações que os textos revelam.

Começamos por referir que estranhámos o facto de não ter sido divulgado qualquer documento relacionado com o soldado do Batalhão de Caçadores n.º 5, arcabuzado no dia 12 do mês de Maio de 1813, quando foi descoberto e assinalado, no séc. XIX, o local preciso da sua sepultura na Igreja da Misericórdia de Vila Real.

Recordamos que esse local foi assinalado, como dissemos, e mais tarde reforçada essa informação com uma inscrição numa pedra de mármore que cobre a sua sepultura, onde hoje se pode ler o nome de José Custódio (no epitáfio dado a conhecer por Júlio A. Teixeira não constava qualquer nome), sem que, no entanto, o livro dos *Assentos das sepulturas na Igreja da Santa Casa da Misericórdia* [de Vila Real], 1725/05/07-1832/12/23, folha 45, a ele fizesse qualquer referência. Pelo contrário, se tivesse sido divulgado o documento que

---

<sup>1</sup> O nome José Custódio, que a tradição há muito consagrou, foi imposto pela informação transmitida pelos ex-votos existentes na capela construída no local onde se verificara a execução, oferecidos pelos devotos que lhe «atribuíam espírito de santidade».

*O Villarealense* publicou em 1935<sup>2</sup>, igualmente do fundo documental da Santa Casa da Misericórdia, e relativo às contas mensais da instituição, constatar-se-ia que o justicado no dia 12 de Maio de 1813 «no sítio de Santa Iria, caminho da Timpeira, subúrbios da mesma vila», sepultado naquele local, se chamava António Gonçalves Pegueira, natural da cidade de Castelo Branco, ou – e hoje somos nós que divulgamos um documento ainda inédito – António Gomes Pegueira<sup>3</sup>, informação que, em nossa opinião, está longe de confirmar que o Santo Soldado seja este militar de Castelo Branco.

Devemos, no entanto, esclarecer que não podemos afirmar que José Custódio não está sepultado na Igreja da Misericórdia, já que, no referido livro, na consulta que fizemos entre 1800 e 1830, faltam as folhas 43 e 34 a 36, a que poderão corresponder enterramentos em datas fora do período que se convencionou reportar-se aos acontecimentos (1811-1813), mas, de qualquer maneira, a ter em conta.

A título de curiosidade, por considerarmos que o nome Custódio não é muito comum, refira-se que no mesmo local onde está assinalado o túmulo de José Custódio, foi enterrada no dia 13 de Março de 1816 uma mulher de nome Custódia Teixeira ou Custódia Maria, e que, na Rua da Vila Velha, faleceu em 30 de Novembro de 1816 um homem de nome Custódio José, que foi sepultado no adro da Igreja de São Dinis, e cuja mulher, conforme se pode ler no assento de óbito, «tinha fugido da companhia dele com o Regimento de Bragança quando aqui esteve acantonado».

---

<sup>2</sup> Bastante impreciso, independentemente de ser apresentado como «cópia textual». A título de exemplo: por deficiente leitura, refere o Batalhão de Caçadores n.º 3, quando no documento se assinala o Batalhão de Caçadores n.º 5; afecta às contas com o funeral as despesas feitas com «16 vidros, betume para os mesmos postos nas frestas, e janela da Casa do despacho e Sacristia», dado que, erradamente, leu círios onde devia ter lido vidros.

<sup>3</sup> «Pelo aniversário dos Irmãos falecidos e assistência, e acompanhamento e sufrágio de António Gomes Pegueira da cidade de Castelo Branco soldado do Batalhão n.º 5 de Caçadores, que foi fuzilado nesta vila [...]», in *Livro das contas mensais* [da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real], 1807/09/18-1814/07/01, a fl. 159 v.

Dado que o nome do soldado José Custódio está sempre associado à terra da sua naturalidade, São Pedro Velho, concelho de Mirandela, distrito de Bragança<sup>4</sup>, queremos também dar nota de que consultámos, no Arquivo Distrital de Bragança, os assentos de baptismo (entre 1770-1800) e de óbito (entre 1810-1814) da referida freguesia, sem que tivéssemos encontrado qualquer registo com o nome de José (que é aliás um nome muito comum na freguesia, tanto para homens como para mulheres) ou de José Custódio (sobrenome ou apelido ausente nos registos consultados), que indiciasse o referido soldado. E, por se tratar de uma pessoa inocentemente justificada, também estranhámos que o pároco da freguesia, quando da sua morte, pela repercussão que um caso destes acarreta, não associasse ao assento de baptismo um averbamento que de alguma forma reabilitasse a sua memória.

Não sabemos se é propositado (no sentido de ter uma intenção que esconde o verdadeiro motivo) ou não, dizer, como Otilio Figueiredo, que o nome do soldado «não interessa» ou, no caso de Emília de Sousa Costa, «o nome não o sei», e tantos outros, como Camilo Castelo Branco<sup>5</sup>, que não lhe referem o nome. O escritor assinala, no curto texto que ao assunto se refere, na novela *O Esqueleto*, inicialmente publicada em folhetins no *Jornal do Commercio*, em

---

4 Também por curiosidade, recordamos um caso descrito por José Saramago na obra *Viagem a Portugal*. O escritor, com pretexto numa visita ao cemitério de Bragança, recorda José Jorge, um sentenciado à morte em 3 de Abril de 1843, em circunstâncias idênticas ao Santo Soldado: «Conta-se que era um soldado que viveu naquela época. Um dia um amigo pediu-lhe a farda emprestada, sem dizer para quê, mas eram amigos, e o soldado nem perguntou, o caso é que mais tarde apareceu uma rapariga morta e toda a gente começou a dizer que a tinha morto um soldado e que esse soldado era o José Jorge. Parece que o fardamento tinha ficado sujo de sangue, o José Jorge não conseguia explicar, ou não queria, por que tinha emprestado a farda.» «Mas se dissesse que a tinha emprestado, salvava a vida [...]».

5 Camilo Castelo Branco é, do que conhecemos hoje, o primeiro escritor que se refere a este assunto. Naturalmente, para além dos textos que seleccionámos, existem alguns outros, na maioria repetindo as informações que reproduzimos, como, por exemplo, os textos publicados *on line*: no jornal *Diário As Beiras*; no site *panoramio.com*; nos blogues *Turma dos desdentados 3*, *Ferrado de Cabrões*, *4R – Quarta República*, e *Tapete Voador*.

1864, como relevante, em nossa opinião, a existência do topónimo Arcabuzado e do primitivo retábulo.

Certa é a devoção ao Santo Soldado, na invocação de José Custódio, na capela da rua de Santa Iria, nas alminhas localizadas no entroncamento das estradas de Chaves e Murça (enquanto foi visível a representação iconográfica), na sepultura que existe na Igreja da Misericórdia e na sua terra natal.

E porque os textos da antologia não dão a conhecer todas as situações, permitam-nos que revelemos duas praticamente desconhecidas.

A de um grande armazenista de mercearias e coloniais, da praça do Porto, António Pereira, sócio da firma Nogueira & Pereira, Lda., da Rua das Flores, 18 a 24, que, natural de Vila Real e educado no Asilo-Escola Augusto César na companhia dos seus dois irmãos (um deles, de nome David, trabalhava na empresa e fazia a praça de Vila Real), grande vila-realense e devoto do Santo Soldado, que pôs à cevada que embalava e comercializava, na década de 1930, 1940 ou 1950, justamente o nome de Santo Soldado.<sup>6</sup>

E um outro caso mais surpreendente. O Senhor Mário dos Santos Romano, hoje um importante industrial de granitos de São Pedro Velho, que se habituara a ouvir de sua avó e de diversas outras pessoas idosas da aldeia a história de José Custódio, encomendou-se ao santo, ainda jovem, e prometeu, no caso de a vida lhe correr bem, como viria a acontecer, que valorizaria os seus espaços de culto.

Quando ganhou algum dinheiro, foi, nas suas palavras, «à procura do santo».

Em Vila Real conheceu a sua história e propôs-se, na companhia de um empreiteiro de Amarante, que conhecera em Vila Real e era

---

<sup>6</sup> A Casa Carrico, em Vila Real, que comercializava esta mesma cevada, substituiu na embalagem original a imagem do fuzilamento por publicidade do seu estabelecimento, mantendo no entanto a história do Santo Soldado. (Informações fornecidas pelos senhores Aníbal Fernando Vieira da Silva e Luís Silvino Gonçalves Vaz Alves.)

igualmente devoto de José Custódio, reparar e requalificar a capela existente em Santa Iria.

Não tendo conseguido abertura para a sua iniciativa, resolveu, em substituição, dado que era necessário cumprir a promessa, erigir uma estátua ao santo no largo principal da sua aldeia. Munidos de uma peça de lego representando um militar, que um jovem habilidoso (mais tarde aluno de Belas Artes) lhe forneceu, desenharam ambos e cortaram uma pedra de granito de dois metros de altura, que se transformou na estátua inaugurada no dia 1 de Dezembro de 1997.

Como dissemos inicialmente, ao Leitor competirá classificar as diferentes situações, lembrando no entanto que, de uma maneira geral, as lendas, no mínimo três ou quatro – a lenda do Arcabuzado ou do Santo Soldado, a lenda do Monte da Forca, a lenda que reúne numa só as anteriores, e uma variante da lenda do Santo Soldado que situa o roubo da alfaia litúrgica na Igreja de São Pedro Velho, terra de naturalidade de José Custódio<sup>7</sup>, recolhida de Maria Virgínia Cordeiro, natural de Sendim da Ribeira, Alfândega da Fé, por Alexandre Parafita para o Vol. 3, ainda por publicar, da sua obra *Património Imaterial do Douro* – se sobrepõem à própria história.

Terminamos, recordando parte da reflexão de A. M. Pires Cabral, partilhada por Lourenço Camilo Costa e por nós próprios: «Muito provavelmente ter-se-ão dado na mesma altura dois fuzilamentos – um pelo roubo do cálice, outro por deserção (como ecoa em Camilo) – e algum equívoco de identidade se gerou entre os dois

---

<sup>7</sup> O nome José Custódio suscita-nos as seguintes observações finais: José é um dos nomes mais comuns da antroponímia portuguesa; por essa razão Rafael Bordalo Pinheiro o consagrou quando criou a figura do Zé Povinho em 1875; Custódio é sinónimo de defensor, guardião, protector.

Diríamos que José Custódio é assim o nome mais apropriado para o Santo Soldado.

sentenciados, facilitado pelo facto de serem ambos estranhos a Vila Real, logo desconhecidos um e outro.

Isto é: António Pegueira foi convertido em José Custódio, e vice-versa. Depois, com o correr do tempo, o povo só reteve o nome do que julgava ter morrido inocente.»

*Elísio Amaral Neves*

## Índice

[A história do painel], <i>Camilo Castelo Branco</i> . . . . .	5
[Monte da Forca], <i>Pedro Augusto Ferreira, Abade de Miragaia</i> . . .	6
Santo em perspectiva. . . . .	7
[Missa para sufragar a alma do mártir soldado] . . . . .	7
[Monte da Forca], [ <i>Alberto de Sousa Costa</i> ] . . . . .	8
Lenda do Monte da Forca, <i>A. Gomes Pereira</i> . . . . .	9
Lenda do Arcabuzado, <i>A. Gomes Pereira</i> . . . . .	9
O Monte da Forca em Villa Real, <i>X</i> . . . . .	11
O infeliz arcabuzado em Villa Real . . . . .	13
Festejos ao soldado do Arcabuzado . . . . .	14
Festa ao Santo Soldado . . . . .	14
O Santo Soldado de Villa Real, <i>X</i> . . . . .	15
Santo Soldado. . . . .	17
Santo Soldado. . . . .	17
Festividade . . . . .	17
[A Capelinha do Santo Soldado], <i>Emília de Sousa Costa</i> . . . . .	18
O Santo Soldado ou o Arcabuzado, <i>Luís Chaves</i> . . . . .	20
José Custódio, <i>Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal</i> . . . . .	27
Papeis velhos . . . . .	28
«Santo Soldado» . . . . .	29
Santo Soldado, <i>Júlio A. Teixeira</i> . . . . .	30
O Santo Soldado, <i>Otílio Figueiredo</i> . . . . .	39
O Santo arcabuzado, <i>P[adre] Alberto T. Carvalho</i> . . . . .	43
O Santo Soldado, <i>Correia de Azevedo</i> . . . . .	47
[SANTO SOLDADO] . . . . .	49
Qual o verdadeiro nome do “SANTO SOLDADO”?, <i>P[adre] [Ângelo do Carmo] Minhava</i> . . . . .	50
Lenda do Santo Soldado, <i>Lourenço Camilo Costa</i> . . . . .	52



O Santo Soldado, <i>A. M. Pires Cabral</i> . . . . .	61
[Oração ao Santo Soldado], <i>Mário dos Santos Romano</i> . . . . .	65
O Santo Soldado, <i>Elísio Amaral Neves e A. M. Pires Cabral</i> . . . .	66
O Arcabuzado e a capelinha do “Santo” Soldado, <i>Abel José Teixeira Passos</i> . . . . .	70
Posfácio, <i>Elísio Amaral Neves</i> . . . . .	73